

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Rafael Fabiano Schüler

**REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO: ENSINO POLITÉCNICO, A
SOCIOLOGIA ENTRE O PAÍS DAS MARVILHAS E A REALIDADE CAÓTICA**

**Porto Alegre
2014**

Rafael Fabiano Schöler

REESTRUTURAÇÃO DO ENSINO MÉDIO: ENSINO POLITÉCNICO, A SOCIOLOGIA
ENTRE O PAÍS DAS MARVILHAS E A REALIDADE CAÓTICA

Monografia apresentada no Curso de Ciências Sociais do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências Sociais.

Orientadora Prof^a Dr^a Rosimeri Aquino da Silva

Porto Alegre
2014

DEDICATÓRIA

A todos que acreditam que a verdadeira revolução irá nascer de dentro das escolas.

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

Eduardo Galeano

“Os filósofos limitaram-se a interpretar o mundo de diversas maneiras; o que importa é modificá-lo.”

Karl Marx

AGRADECIMENTOS

Obrigado ao meu pai Ildo Schüler, minha mãe Gerdy Schüler, minha Irmã Raquel Fabiana Schüler e minha Sobrinha Ágata Selles Pedroso pelo carinho e confiança, viu mana? Eu consegui.

Valeu a todos e todas que fizeram parte desta etapa, que me deram força nas horas difíceis e que me auxiliaram de uma maneira ou de outra. Meus amigos e amigas, pelas conversas, caronas, cervejas e afins. A minha segunda Família representada na figura do meu sogro Janiro Luiz Montemezzo e sogra Eli Foss Montemezzo.

Obrigado a minha orientadora Rosimeri Aquino da Silva pelos ensinamentos, conselhos, dicas e por ter aceitado junto comigo, seguir o “coelho branco” nesta viagem ao *país das maravilhas*. Aos novos amigos que fiz na UFRGS, concluo minha jornada sabendo que está vindo por aí, uma gama de excelentes Cientistas Sociais, e nós ainda vamos mudar o mundo, podem estar certos quanto a isso.

Obrigado a todos os grandes professores que tive durante o curso. Talvez seja até covardia citar apenas alguns, mas gostaria de agradecer do fundo do coração aos professores, Luiza Helena Pereira, Maribel Susane Selli, José Otávio Catafesto de Souza, Caleb Faria Alves, Nalu Farenzena e tantos outros que me lapidaram no cientista Social, mas acima de tudo no professor de Sociologia que sou hoje.

Obrigado ao professor Antonio José Fontoura pelos ensinamentos e pela confiança, assim como a professora Iara da Silva e toda a direção das Escolas 1º de Maio e 25 de Julho, onde realizei meus estágios.

Mas acima de tudo, obrigado muito especial a Elaine Luiza Foss Montemezzo, minha esposa, meu amor, minha vida, sem você nada disso estaria acontecendo. Entramos juntos, saímos juntos, vencemos juntos, te amo e muito obrigado por estar ao meu lado sempre.

RESUMO

No ano de 2012 passou a vigorar no Estado do Rio Grande do Sul o Ensino Politécnico. A implantação deste projeto causou muita polêmica na comunidade escolar, devido à forma com a qual foi posta em prática, considerada por parte dos professores como autoritária. Os docentes reclamam que não receberam uma formação especializada para o projeto, e muito menos tempo para se adaptarem. Enquanto o governo do estado representado na figura do Secretário de Educação alega ter feito um amplo debate nas escolas durante o ano de 2011. O que chama a atenção neste caso são as posições antagônicas entre as duas partes envolvidas neste projeto, professores e Governo do Estado na forma de Secretaria Estadual de Educação (SEDUC). Usando uma comparação um tanto quanto excêntrica, com o livro “Alice no País das maravilhas”, este trabalho visa com bom humor e otimismo buscar uma conciliação entre, o pensamento mágico, aqui compreendido como aspectos ficcionais presentes no discurso e na teoria proposta pela SEDUC e a realidade do dia a dia vivenciado por professores e alunos na escola. O presente trabalho visa problematizar o papel do ensino da Sociologia dentro de uma proposta de ensino Politécnico. Qual seria o seu papel nesta associação entre os dois pensamentos? Foi possível identificar que é necessária uma profunda reformulação nas estruturas que regem a educação brasileira, desde a organização curricular até a infraestrutura das escolas. Neste sentido, esta mudança talvez passe muito mais pelas nossas mãos do que se possa imaginar. Na medida em que muitos professores de Sociologia estão efetivamente envolvidos com o projeto do Politécnico.

Palavras chave: Ensino Politécnico; Secretaria de educação; Comunidade escolar; Alice no país das maravilhas; Sociologia.

ABSTRACT

In 2012 became effective in the State of Rio Grande do Sul the polytechnic. The implementation of this project caused much controversy in the school community, due to the way in which it was implemented, considered by teachers as authoritative. Teachers complain that they received specialized training for the project, and even less time to adapt. While the state government represented in the figure by the Secretary of Education claims to have a broad debate in schools during the year 2011. Draws attention to this case are the antagonistic positions between the two parties involved in this project, teachers and the State Government as State Secretary of Education (SEDUC). Using a comparison somewhat eccentric, with the book 'Alice in Wonderland', this work aims with good humor and optimism seek a reconciliation, magical thinking, here understood as fictional aspects present in the discourse and theory proposed by SEDUC . And the reality of everyday life experienced by teachers and students in school. This paper intends to discuss the role of teaching sociology within a teaching Polytechnic. What would be your role in this association between two opinions? It was possible to identify that a major overhaul in the structures governing the Brazilian education from the curriculum organization to the infrastructure of schools is required. In this sense, this change may pass through our hands much more than you might imagine. To the extent that many teachers of sociology are effectively involved in the design of the Polytechnic.

Keywords: Further education; Department of Education; School community; Alice in Wonderland; Sociology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PERCURSO DA PESQUISA.....	10
3 O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E O DISCURSO	13
3.1 O discurso da Rainha de Copas	13
3.2 O país das maravilhas e a pseudoconcreticidade	13
4 AS ENTREVISTAS	18
4.1 Quatro professores de Sociologia ou quatro Valetes de Copas?	18
4.2 Os Valetes de Copas	20
4.2.1 O primeiro Valete – “nós na Sociologia, a gente tem muito dessa questão de vanguarda sim [...]”	20
4.2.2 O segundo Valete – “Pra inglês ver [...]”	22
4.2.3 O terceiro Valete – “[...] A Sociologia ela é sim uma disciplina que na verdade, ela é um norteador dentro da escola, pra uma mudança, e ela deve ser para uma mudança na perspectiva de educação [...]”	25
4.2.4 O quarto Valete – “[...] Como eu disse, já teve essa discussão, então vamos trabalhar juntos pra entender esse processo, e não criar um teatro burlesco [...]” ...	29
5 A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE	35
5.1 Eu no país das maravilhas, ou não	35
5.2 O chá do chapeleiro maluco	35
5.3 Passando pelo buraco da fechadura	37
6 A SOCIOLOGIA É UM ESPORTE DE COMBATE	40
6.1 O exército de cartas, um jogo de pôquer e o real sentido do simulacro	40
6.2 A Sociologia como conciliador entre a ficção e a realidade	42
6.3 Políticas de governo, ‘geléia amanhã’ e Deleuze	43
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
8 REFERÊNCIAS	49

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é baseada em três tempos distintos. A primeira busca realizar uma análise sobre o discurso proposto pela Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul (SEDUC), principalmente na figura do secretário de Educação José Clóvis de Azevedo. Este, o organizador do livro “Reestruturação do Ensino Médio – Pressupostos teóricos e desafios da Prática” no que diz respeito à implantação do Ensino Politécnico. Em um segundo momento, iremos ver na prática entre professores e alunos da rede estadual de ensino a assimilação e desenvolvimento do projeto. Para isso, serão realizadas entrevistas semiestruturadas de forma qualitativa com professores de Sociologia atuantes no atual modelo, bem como minhas próprias considerações observadas durante minha experiência docente proporcionada pelos dois estágios obrigatórios. E, no terceiro momento, buscaremos sob a ótica da Sociologia uma reflexão acerca dos dois pontos de vista, bem como observar a situação da Sociologia em sala de aula, a sua adaptação à proposta de ensino então vigente.

Mas, afinal de contas, o que teria a ver a implantação do ensino Politécnico, proposto pelo governo estadual com o país das maravilhas do livro “Alice no país das maravilhas”¹? E mais, segundo a avaliação de diversos profissionais da educação uma implantação que se deu de uma forma um tanto quanto surpreendente e a “toque de caixa”.

Acreditamos ser importante lembrar, principalmente aos que desconhecem a obra de Charles Lutwidge Dodgson, mais conhecido por seu pseudônimo de Lewis Carroll, que a mesma foi publicada em quatro de julho de 1865. “Alice no país das maravilhas” e “Alice através do espelho”. Suas obras mais conhecidas acabaram se tornando um dos maiores clássicos da literatura mundial e fascinaram adultos e crianças de diversas gerações, mexendo com a imaginação dos leitores.

Através de personagens como além da própria Alice e sua curiosidade, o Coelho Branco, a Rainha de Copas, o Exército de Cartas com um destaque muito especial ao Valete (como veremos no decorrer deste trabalho) o Chapeleiro Maluco, a Lebre de Março o Arganz e muitos outros presentes na obra. Aqui vão alguns fatos de relativa importância para uma melhor compreensão da proposta deste trabalho.

No livro, Alice, uma menina de oito anos é levada através da toca do coelho, guiada por sua curiosidade, a um mundo de fantasia, completamente *nonsense*. Os leitores puderam desfrutar de uma realidade completamente invertida da realidade no país das maravilhas, onde

¹CARROLL, Lewis. **Alice no país das Maravilhas**. 1865. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>> Acesso em 15.05.2014.

lagartas azuis fumam “narguilé”, um gato cujo sorriso permanece depois dele desaparecer, uma rainha Branca que vive de trás pra frente e se lembra do futuro e um chapeleiro maluco que comemora “desaniversários”, entre outras bizarrices propostas por Carroll em um mundo completamente imaginário e invertido da realidade.

Sabemos que estamos num mundo real (ao menos pensamos que sabemos), porém algumas situações que acontecem no dia a dia nos fazem lembrar e muito a ficção. Ou seria a ficção que nos faz lembrar a vida? Bem, isto é bem filosófico e foge um pouco da proposta deste trabalho. Vamos a um desses casos que a realidade pode muito bem se parecer com a ficção.

Não estamos na Inglaterra e muito menos contaremos a história das aventuras de Alice. Mas sim, abordaremos aspectos da educação contemporânea no estado do Rio Grande do Sul, através da implantação da politecnicidade nas escolas gaúchas. Iremos observar a implantação do projeto de governo que causou imensa repercussão na comunidade escolar.

Buscando subsídios no livro organizado pelo secretário de educação José Clóvis de Azevedo que em parceria com Jonas Tarcísio Reis no ano de 2013 lançaram o livro “Reestruturação do Ensino Médio – Pressupostos teóricos e desafios da prática” (2013), onde evidencia através de uma coletânea de textos, a politecnicidade no ensino médio como sendo uma forma de fugirmos do velho modelo de educação de transmissão de informações já tão duramente criticado ao longo do tempo. Um novo ensino médio, menos disciplinar e visando uma formação mais cidadã.

Afinal, seria a Reestruturação do Ensino Médio, alavancada pela politecnicidade a solução para todos os problemas, histórica e socialmente construída nas nossas escolas? Como ficam os professores da rede e, principalmente, os alunos nesta questão? Como a Sociologia pode funcionar como uma espécie de norteador entre o discurso e a prática? Afinal, o que representa a Sociologia na sala de aula? E como ela pode vir a se tornar muito mais importante do que é hoje? Para desvendar estes segredos, é necessário que assim como Alice, o leitor seja “cada vez mais e mais curioso”, siga o coelho branco e adentre a toca. Lá dentro talvez possamos encontrar algumas respostas bem interessantes, ou não.

2 PERCURSO DA PESQUISA

A pesquisa qualitativa pode assumir diferentes significados no campo das Ciências Sociais. Mas resumidamente, podemos defini-la como um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam o objetivo de descobrir ou decodificar os componentes de um sistema complexo de significados. Segundo MAANEN (1979), a pesquisa qualitativa busca diminuir a distância entre indicador e indicado, entre a teoria e dados, entre contexto e ação.

Desta forma, optaremos neste trabalho por seguir o método qualitativo, utilizando três técnicas diferentes afim de uma melhor compreensão dos resultados finais. A análise de conteúdo, a entrevista semiestruturada e a observação participante.

A partir da análise de conteúdo são trazidas informações ao leitor da forma como o Ensino Politécnico foi implantado no Estado do Rio Grande do Sul, bem como suas principais ideias. As argumentações favoráveis ao projeto encontram-se na obra “Reestruturação do Ensino Médio – Pressupostos teóricos e desafios da Prática”.

Como metodologia, a análise de conteúdo é de grande valia para descrever e interpretar documentos e textos, podendo assim, auxiliar na reinterpretação de mensagens, buscando uma melhor compreensão sobre os seus significados que podem passar despercebidos a uma leitura comum.

Segundo Olabuenaga e Ispizúa (1989), a análise de conteúdo é uma técnica para ler e interpretar o conteúdo de toda classe de documentos, que se analisados de uma forma correta, podem nos abrir portas ao conhecimento de aspectos e fenômenos da vida social que de outra forma seriam inalcançáveis.

As entrevistas semiestruturadas foram utilizadas neste trabalho como uma espécie de “termômetro”, onde a recepção dos professores de Sociologia ao projeto foi de significativa importância para o desenvolvimento desta pesquisa. Foram entrevistados quatro professores de Sociologia das quatro maiores escolas estaduais do município de Novo Hamburgo. As entrevistas foram gravadas, e transcritas as partes consideradas relevantes para a compreensão deste trabalho. A entrevista semiestruturada teve um roteiro inicial, previamente definido com perguntas pertinentes ao objeto de pesquisa, como a formação do professor, o tempo que leciona Sociologia e a forma como vê a disciplina dentro do modelo do Ensino Politécnico. Bem como as questões da Avaliação Emancipatória e Seminário Integrado que são os pilares da mudança estrutural.

O fato de diversos professores de Sociologia funcionarem como uma espécie de “norteador” do Ensino Politécnico, como vimos nas entrevistas seja pela questão da prática

em pesquisa, seja pela forma como a própria disciplina se propõe a realizar uma análise científica da realidade.

Remetemo-nos ao que foi apreendido após cada uma das entrevistas, saindo do roteiro original e cada uma colaborando de uma forma diferente, trazendo novas concepções acerca do objeto. Assim, acreditamos que, conforme Manzini (1990/1991), a entrevista semiestruturada pode fazer emergir informações de forma mais livre, não ficando as respostas condicionadas a uma padronização de alternativas. Desta forma o roteiro serviu para, além de coletar informações básicas, mas também como um meio de organizar um processo de interação com o informante.

Resumidamente a ideia foi partir de um roteiro deixando, porém a conversa fluir em diferentes direções, deixando com que os informantes expressassem de maneira livre suas opiniões e suas ideias sobre o a Sociologia dentro do modelo do Politécnico.

Partimos então para a terceira técnica de pesquisa utilizada, a observação participante. Para trabalhar com essa metodologia buscamos orientação a partir de Gilberto Velho (1978) quando afirma que “o que sempre vemos e encontramos pode ser familiar, mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico, mas até certo ponto conhecido” (VELHO, 1978, p. 39). Ou seja, a velha questão de “estranhar o familiar” e “familiarizar o exótico”, tão comum na antropologia, agora foi posto à prova nesse contato direto com professores e alunos, dentro do seu ambiente e também para mim, estando fora da Universidade, durante o período de Estágios Obrigatórios.

No decorrer do Curso de Ciências Sociais, mais especificamente nas cadeiras relacionadas à antropologia, mas também na disciplina de Pesquisa Qualitativa, tive a base teórica da observação participante necessária para uma compreensão relativamente satisfatória sobre o assunto.

Agora vimos isso na prática, dentro do País das maravilhas, na escola. Observamos como os conhecimentos adquiridos durante o curso ajudaram a buscar novos conhecimentos para a esta pesquisa.

Novamente recorreremos às palavras de Gilberto Velho (1978) quando menciona que o conhecimento acadêmico pode ser dificultado por esta aproximação com o objeto investigado. Afinal, estávamos implicados no campo da pesquisa vivendo dentro da escola, sendo que, no período do estágio nos foi possível sentir o que era ser o professor atuando dentro do modelo do Politécnico. Como fazer para não misturar as coisas? Com isso:

O meu conhecimento pode estar seriamente comprometido pela rotina, hábitos, estereótipos. Logo, posso ter um mapa, mas não compreendendo necessariamente os princípios e mecanismos que o organizam. O processo de descoberta e análise do que é familiar pode, sem dúvida, envolver dificuldades diferentes do que em relação ao que é exótico. Em princípio dispomos de mapas mais complexos e cristalizados para nossa vida cotidiana do que em relação a grupos ou sociedades distantes ou afastados. (VELHO, 1978, p. 41).

A realidade seja esta familiar ou exótica, como em outros termos pontuado pelo autor aqui mencionado, é sempre filtrada sob algum ponto de vista do observador, ou seja, a investigação etnográfica é sempre interpretativa. Por isso nas aulas, enquanto professor de Sociologia, foi obtido o cuidado de manter a distância necessária acerca da investigação sobre o Ensino Politécnico, sem fazer perguntas diretas aos alunos e nem aulas a respeito das suas opiniões. Partimos então, nessa proposta, das respostas obtidas nas entrevistas e, a partir da análise das mesmas, nos foi possível interpretar a proposta do Politécnico apenas sendo um observador evitando com isso qualquer tipo de julgamento premeditado.

3 O SECRETÁRIO DE EDUCAÇÃO E O DISCURSO

3.1 O discurso da Rainha de Copas

“Cortem-lhe a cabeça”, ou adequando ao nosso assunto, “cortem-lhes o ponto!”

Foi o discurso do Secretário de Educação aos primeiros sinais da greve dos professores no ano de 2013. As principais reivindicações eram o pagamento do piso salarial nacional, e o fim da politecnia. Bem à moda da rainha de Copas, José Clóvis entre ser amado ou ser odiado, optou pela segunda opção e ordenou que o ponto dos grevistas fosse cortado.

A Rainha de Copas mandaria, simplesmente, decepar algumas cabeças e tudo estaria resolvido. Talvez o secretário até tivesse a vontade, porém tudo o que ele podia cortar por hora eram os pontos. O autoritarismo e arrogância do secretário também passaram a ser criticados após declarações, alegando que a questão de uma revisão do ensino Politécnico estava fora de cogitação, bem como uma declaração ao site G1 onde José Clóvis afirma que “E quem não trabalha, não recebe. É uma situação normal”.

Curiosamente, o Próprio José Clóvis foi um dos principais líderes da maior greve da história do Rio Grande do Sul sendo, no mínimo, irônico que uma pessoa com uma bagagem de luta sindical, agora no governo, acabe agindo de tal maneira.

3.2 O país das maravilhas e a pseudoconcreticidade

É dessa forma que podemos começar a enxergar o “País das maravilhas”, desenhado pelo discurso vinculado ao projeto Politécnico, e a “realidade caótica”, ou seja, uma realidade caracterizada por uma série de dificuldades observadas na prática.

Dentro de uma perspectiva da pseudoconcreticidade, conceito oriundo do filósofo tcheco Karel Kosik (1926-2003) que, em sua mais famosa obra, “Dialética do Concreto”, o autor afirma que:

O complexo dos fenômenos que povoam o ambiente cotidiano e a atmosfera comum da vida humana, que, com a sua regularidade, imediatismo e evidência, penetram na consciência dos indivíduos agentes, assumindo um aspecto independente e natural, constitui o mundo da pseudoconcreticidade (KOSIK, 1976, p. 15)

Ou seja, a manifestação das aparências do fenômeno e a sua essência que, nem sempre, se manifesta ou não é perceptível sem que se faça uma investigação para ultrapassar o

aparente. Sendo assim, o discurso é maquiado e carrega consigo uma ilusão que não condiz, na prática, com o que está acontecendo de fato. Ao observarmos a defesa da Secretaria de Educação ao modelo do Politécnico, percebemos um discurso completamente diferente do que foi encontrado nas escolas.

Vejamos o que aponta a “Proposta Pedagógica para o Ensino Médio Politécnico e Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio 2011-2014” orientada pela SEDUC, onde já na apresentação nos dá subsídios para a quase que total compreensão do fio condutor deste trabalho. Diz a proposta:

A proposta de reestruturação do Ensino Médio, contida neste documento-base, foi construída levando-se em consideração o Plano de Governo para o Rio Grande do Sul no período 2011-2014, os dispositivos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), nº9. 394/96 – incluindo a concepção para o Ensino Médio no que diz respeito à sua finalidade e modalidades nela presentes –, além da Resolução sobre Diretrizes Curriculares para a Educação Básica emitida pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que se encontra em tramitação no Ministério da Educação para homologação. O Plano de Governo 2011-2014, no que tange à Política Educacional, estabeleceu como prioridade a democratização da gestão, do acesso à escola, ao conhecimento com qualidade cidadã; à aprendizagem e ao patrimônio cultural, e a permanência do aluno na escola, além da qualificação do Ensino Médio e Educação Profissional.

No entanto, a realidade que se apresenta está a exigir, urgentemente, mudanças e novos paradigmas para o Ensino Médio e para Educação Profissional. A qualidade cidadã da educação está ancorada em três fatores estruturantes: valorização profissional, diretamente relacionada à questão salarial, à carreira e à formação inicial e continuada; reestruturação física da rede estadual de ensino; e reestruturação do currículo da educação básica, em especial o ensino médio. (SEDUC, 2012, p. 3)

Se fossemos ficar somente por aqui, o trecho referente à “valorização profissional”, somado a questão da greve e da posição do Governo do Estado no que diz respeito à questão do piso salarial, já seria o suficiente para atestarmos o discurso da SEDUC como pseudoconcreto, ou que no mínimo, destoa da realidade.² Porém ao entrarmos mais a fundo no assunto e agora focando a questão da politécnia no ensino médio, observamos no prefácio do livro “Reestruturação do Ensino Médio” intitulado “Um prelúdio para outro ensino médio” escrito pelo Doutor em Educação Attico Chassot, um verdadeiro clamor por mudanças estruturais radicais no sistema educacional. Segundo Chassot (2013)

² Em um levantamento realizado pela revista Educação, junto às secretarias de educação das 27 unidades da federação brasileiras e a sindicatos dos professores revela que cinco estados - Amapá, Amazonas, Paraíba, Santa Catarina e Rio Grande do Sul - não pagavam ao docente o valor estabelecido pela Lei do Piso Salarial do Magistério Público (Lei 11.738/2008). Os dados são referentes a dezembro de 2012, quando o vencimento básico para um docente da rede pública com formação de ensino médio era de R\$ 1.451, por uma jornada de 40 horas de trabalho semanais. No Estado do Rio Grande do Sul, vemos a maior distância entre o vencimento básico e o piso, conforme o levantamento. Em valores de dezembro de 2012, o professor com formação de nível médio recebia R\$ 921,75 - uma diferença de mais de R\$ 500 para o piso.

Aventuro-me a sugerir um bom propósito para este novo ano: ensinar menos [...] Esse ensinar menos deve estar na busca de um equilíbrio. Talvez pudéssemos pensar em deixar as informações para ser passadas pelo professor Google sabe-tudo e para a preciosa Wikipédia. A escola, com poucas informações, trabalharia conhecimentos e saberes. Parece que então teríamos espaço para exercitar a transdisciplinaridade, isto é, transgredir as fronteiras que engessam as disciplinas. (CHASSOT, 2013, p. 10)

Ou ainda, ao falar da área das ciências naturais,

Quem já precisou um dia saber o que são isótonos, salvo para responder alguma pergunta dessas que testam conhecimentos inúteis em vestibular? Não sem certo mal estar, constatou-se que ninguém jamais precisou saber (e todos sabiam) o que são isótonos. Mas as alunas e os alunos de escolas do ensino fundamental do interior do Brasil sabem... Esse é um dos muitos exemplos de conhecimentos desnecessários que poderíamos amearhar com facilidade. (CHASSOT, 2013, p. 11)

A verdade é que o prefácio do professor Chassot revela o espírito do discurso da SEDUC em relação ao Ensino Médio Politécnico. Uma formação diferente da existente nos dias de hoje, mais voltada para a cidadania e menos para informações inúteis e que não servirão em nada na vida daqueles alunos.

O argumento é adequado, se levarmos em conta quantas vezes nos vimos bradando aos quatro ventos que uma formação mais voltada à cidadania era necessária, uma formação para a vida. Porém, no mundo como ele é hoje, e em um projeto em curto prazo é necessário que os alunos adquiram esses conhecimentos já que serão cobrados no vestibular. Negar-lhes o acesso a essa informação é o mesmo que lhes tirar a oportunidade de adentrar ao mundo universitário se esse for o seu desejo. É traçar o seu destino como trabalhador, como operário e não lhe oferecer as ferramentas para fugir deste ciclo de desigualdade social.

O sistema educacional, como se encontra hoje, visa o vestibular para a rede privada de ensino e o mercado de trabalho para a rede pública. É a velha divisão de classes já amplamente discutida pela teoria marxista.

A solução para que o pensamento de Chassot (2013) fosse mais bem utilizado, na prática, seria mudar o critério de seleção nas universidades. Algo muito diferente do vestibular hoje existente.

O pensamento do professor Chassot hoje pode ser interpretado como uma utopia, que pode ser enquadrada dentro de uma pseudoconcreticidade. Pode ser visto como apenas mais um discurso, lido pelo “Coelho Branco.” Uma ordem sem sentido, vinda do castelo da “Rainha de Copas” proclamando mais alguma lei absurda no “País das Maravilhas”.

No transcorrer do livro orientado por José Clóvis Azevedo (2013), todos os capítulos são escritos por autores que são peças importantes no processo de implantação de projetos

educacionais até então restritos ao campo teórico. Analisaremos, na sequência, os textos do próprio secretário de educação e o texto da professora Vera Maria Ferreira (2013), que fala especificamente sobre a questão do Ensino Politécnico.

O título do texto do secretário é “Democratização do ensino médio: a reestruturação curricular no RS”. Nele José Clóvis defende a importância da implantação da mudança educacional organizada a partir de 2011 no estado do Rio Grande do Sul. O autor chama a atenção para os altos índices de reprovação e alta taxa de evasão escolar no ensino médio. As mudanças no paradigma da educação são de extrema necessidade, segundo ele,

A escola lida, isto sim, com a formação humana essencialmente. Essa não pode ser medida de forma isolada por índices e estatísticas, reduzida a números. A escola deveria trabalhar para estimular a infinita capacidade criativa do ser humano, a potencialização da prática diária de vida no enfrentamento das situações-problema, na superação dos desafios de ser e estar no mundo e na relação com a natureza social e física. Enfim, na composição da humanidade em sua melhor forma: a da formação para o pleno exercício da cidadania seja ela posta em prática no campo, seja na cidade. (AZEVEDO, 2013, p.31)

O discurso é coerente e bem fundamentado, mas na prática ele seria tão eficaz? O texto da Professora Vera Maria Ferreira (2013) não foge muito desta linha de argumentação. Em seu texto “Ensino Médio Politécnico: mudanças e paradigmas” ela esmiúça algumas questões relevantes à implantação do Ensino Politécnico como, por exemplo, as duas peças chave da reestruturação curricular: a incorporação do seminário integrado (SI) ao currículo obrigatório do ensino médio e a avaliação emancipatória. Essas seriam as chaves para que a escola cumprisse a sua principal função de oferecer a aprendizagem com qualidade social.

Ainda segundo Ferreira (2013) o SI, teria por objetivo principal quebrar a hegemonia de algumas disciplinas em relação a outras. Sendo assim, somente a interdisciplinaridade faria com que a fragmentação do conhecimento, pela consagração de algumas disciplinas, fosse minimizada e o aluno absorvesse ao máximo o conhecimento de todos os campos da ciência.

Vejamos agora, o que a autora nos fala a respeito da avaliação emancipatória.

A mudança da prática avaliativa na escola de Ensino Médio não se sustenta se for apenas aparência, de superfície, parcial ou fragmentada. A mudança vem especialmente pelo acompanhamento das atividades organizadas no SI, desenvolvidos através de projetos, com o envolvimento de todos os professores das demais disciplinas, dando aporte aos conhecimentos formais na resolução de problemas da vida dos alunos. (FERREIRA, 2013, p.200)

Sendo assim, notamos claramente que o objetivo principal da avaliação emancipatória, é modificar a estrutura do modelo anterior seletivo, classificatório e excludente. Ela ainda destaca que:

A finalidade da avaliação emancipatória é a de diagnosticar avanços e dificuldades, para selecionar novas intervenções, para agir, questionando e retomando passos do ensino, em termos de alternativas a serem selecionadas. Isto significa que a investigação sobre os processos de construção da aprendizagem, de forma sistemática, serve para sinalizar as possibilidades e alternativas para a superação das dificuldades constadas. (FERREIRA, 2013, p. 201)

Tanto os professores Attico Chassot e Vera Maria Ferreira, como o secretário José Clóvis de Azevedo, em seus respectivos textos defendem de forma contundente a reestruturação do Ensino Médio como sendo uma forma inovadora e revolucionária de modificar os velhos paradigmas excludentes da educação. Que o estado do Rio Grande do Sul, estaria na vanguarda desse processo revolucionário. Mas de que forma, realmente o projeto funciona? Seria o discurso uma evidência da realidade, ou seria uma espécie de maquiagem sobre a real situação causada pela implantação instantânea do novo modelo?

Partimos agora para ouvir os mais afetados na instantânea implantação do Politécnico: a comunidade escolar. O que pensam e como está a adaptação do projeto entre professores e alunos?

4 AS ENTREVISTAS

4.1 Quatro professores de Sociologia ou quatro “Valetes de Copas”?

O “Valete de Copas” é uma figura de um caráter ambíguo durante a história de Lewis Carroll. Inicialmente, ele é apenas um valete que carrega a coroa do Rei. Porém, a certa altura da história, ele passa a ser acusado de roubar as tortas da rainha (injustamente, por sinal). O decreto anunciado pelo “Coelho Branco” é feito em forma de verso e é assim:

A Rainha de Copas assou tortas,
Num dia de verão.
O Valete de Copas roubou essas tortas,
Nelas passou a mão. (CARROLL, 1865 p.149)

Ou seja, o valete é acusado de roubar as tortas, de ser um transgressor e cabe dizer, é acusado injustamente. O rei por diversas vezes tenta incriminar o valete com deduções esdrúxulas, enquanto a rainha quer que se cumpra a sentença antes que o júri dê o veredicto, que se corte a cabeça do valete.

Esses tipos de discursos não são muito raros para nós Cientistas Sociais. Encontramos dentro ou fora da universidade pessoas que, digamos assim, não possuem um grande apressamento pelo curso ao qual nos graduamos. Da mesma forma, ainda nessa mesma direção, é muito comum encontrar pessoas que sem uma argumentação no mínimo razoável, acabam por defender de todas as formas o fim do ensino da Sociologia nas escolas. Por vezes acusando os professores de Sociologia de serem “Marxistas, comunistas, revolucionários” que adentram as escolas para fazer uma espécie de “lavagem cerebral” nos alunos. Em outras alegando que no mundo moderno em que vivemos, não há espaço para disciplinas “inúteis”, como Sociologia e Filosofia. Não é à toa que uma das primeiras medidas após o Golpe Militar de 1964, foi retirar estas “subversivas” disciplinas do currículo e substituí-las pelas “importantíssimas”, Moral e Cívica e *OSP*³.

Neste sentido nós, os professores de Sociologia, somos uma espécie de “Valete de Copas” dentro do país das maravilhas. Temos que nos curvar diante das exigências “reais”, dançarmos conforme a música que a Rainha tocar e mesmo assim nos esforçarmos para fazer

³ Moral e Cívica e *OSP* (Organização Social e Política Brasileira). Disciplinas que, de acordo com o Decreto Lei 869/68, tornaram-se obrigatórias no currículo escolar brasileiro a partir de 1969 em substituição às matérias de Filosofia e Sociologia e ficaram caracterizadas pela transmissão da ideologia do regime autoritário ao exaltar o nacionalismo e o civismo dos alunos e privilegiar o ensino de informações factuais em detrimento da reflexão e da análise.

um trabalho importante. Porém, na primeira oportunidade, podemos correr o risco de sermos acusados de “traição”, nos levando assim a um julgamento maluco no qual seríamos réus sem saber o porquê muitas vezes. Além disso, sem que nossas defesas/argumentos sejam ao menos considerados, pois qualquer absurdo pode servir para nos incriminar.

Partindo deste pressuposto, entendemos que as injustiças ocorrem não apenas para nós, professores de Sociologia, mas também em todas as disciplinas ligadas às Ciências Humanas. Veremos agora, na prática, o que dizem quatro professores de Sociologia da rede estadual de ensino sobre a forma como a Sociologia está sendo trabalhada após as mudanças propostas pelo Governo Gaúcho.

Através de entrevistas semiestruturadas e gravadas, veremos como a questão do Politécnico mexeu com a disciplina e se houve grandes mudanças para a Sociologia dentro de sala de aula.

Assim como fez Alice, que observando aquelas falsas acusações, se levantou contra a Rainha e, olhando para os soldados, disse que não tinha medo deles, pois eles eram “apenas cartas de baralho”...

Vamos aprofundar a visão que temos sobre a questão do Politécnico, esperando que o leitor também cresça (assim como Alice), e que se junte aos professores que a partir de agora me referirei como “Valetes”. Eles que têm por objetivo transformar o ensino em algo mais humano, pensando em uma formação voltada à cidadania e à construção de uma proposta de análise do mundo em que vivemos. Destacamos que esta concepção vem sendo sustentada desde a obrigatoriedade da Sociologia no Ensino Médio no ano de 2007. Optamos por dar um grande espaço às falas de cada um e cada uma, fazendo breves comentários e análises sobre os momentos de cada entrevista.

Desta forma, acreditamos que o próprio leitor pode se sentir na entrevista e ler aquela informação que eu recebi ouvindo dos Valetes. Mas, sem mais delongas, nos debruçamos agora, sobre esses quatro bravos profissionais, que levantam todos os dias, dentro e fora das escolas, esta bandeira chamada Sociologia.

4.2 Os Valetes de Copas

4.2.1 O primeiro Valete – “nós na Sociologia, a gente tem muito dessa questão de vanguarda sim [...]”

Nosso primeiro Valete/professor se formou em Ciências Sociais 1984, começando em projetos populares no ano de 1983 até que passou a dar aula na rede estadual a partir de 1988.

Desta forma, não só o nosso Valete atua dentro da nova proposta do Politécnico, como também atuou no modelo antigo, estando também já dentro da escola quando a Sociologia ainda não era uma disciplina obrigatória no currículo.

Naquele tempo, segundo ele, atuava em disciplinas como História, Geografia, Filosofia, OSPB, Moral e Cívica. A partir de 1996, com a LDB, se abriu a possibilidade da volta da Sociologia e em 2008, finalmente, passou a dar aulas na disciplina para a qual havia se preparado. O que, para ele, não foi um caminho muito fácil, como registra em seu depoimento:

Também não foi muito fácil, eu construir um caminho de Sociologia em sala de aula, já que a Sociologia se propõe a ser uma análise científica da realidade, na verdade a gente teve que construir essa relação com o aluno, e encontrar os apoios e os fundamentos mais acessíveis para conseguir dar conta desse trabalho dentro de sala de aula. (sic) (PRIMEIRO VALETE, entrevista, 2014)

O primeiro Valete se refere a autores como Nelson Tomasi e Amauri Moraes como peças fundamentais na construção da Sociologia enquanto disciplina no Ensino Médio e outros autores como Florestan Fernandes, Darcy Ribeiro, Gilberto Freyre que sempre foram grandes referências teóricas, nos quais ele buscou auxílio na sua construção da aula de Sociologia propriamente dita.

No currículo, a importância da Sociologia contribui, segundo ele, para que as pessoas venham a perceber os mecanismos que fazem funcionar essa sociedade em que nós vivemos. do ponto de vista das relações de produção, das relações econômicas e de infraestrutura, a Sociologia em sala de aula deve buscar mostrar aos alunos a engrenagem que movimenta a sociedade e que ela está em constante mudança e que eles são participantes ativos desse processo.

O jovem tem que entender que na vida adulta e mesmo enquanto jovem, ele precisa ser um elemento ativo dentro das suas comunidades, dentro da sociedade... Então a gente nasceu exatamente pra esse processo de desenvolvimento do todo do ser humano e isso implica em não a gente só cumprir uma atividade de trabalhar e dar conta da sua manutenção e dar conta da sua sobrevivência, mas também participar efetivamente da sociedade num todo, desde a sua construção como dos resultados, mas também dos objetivos, de traçar os rumos da humanidade. (sic) (PRIMEIRO VALETE, entrevista, 2014)

Sobre as questões mais voltadas ao Ensino Politécnico, pode-se notar que existe por parte do entrevistado uma visão bem formada do que poderia ser vital para uma mudança na educação:

Olha, se faz necessário eu acho que realmente aquele modelo tradicional de o aluno entrar numa sala de aula, de o professor postar no quadro, colocar no quadro verde o conteúdo e o aluno ficar copiando e depois o professor faz uma breve explicação pro aluno. Essa metodologia se esgotou, hoje nós vivemos inevitavelmente na questão das tecnologias, principalmente no campo das redes sociais, hoje o aluno tem acesso a internet, hoje essa questão da tecnologia atinge a todos, então o aluno recebe uma série de informações, um bombardeio de informações, não é mais o professor o detentor do conhecimento, o aluno ele recebe tudo isso e o professor tem que ter domínio destas tecnologias e contribuir com o aluno mais como um mediador [...]. Então, a questão destas mudanças, é necessário, mas essa reforma da educação não para só a nível de formação básica, ela tem que ter uma reforma lá da universidade e eu acredito que agora ta tendo mesmo, essa transição que nós vivemos hoje essa resistência de alguns pra essas mudanças, que se fazem necessárias, sempre existem as pessoas né, dentro de uma sociedade que não concordam com as mudanças, e nós na Sociologia a gente tem muito dessa questão de vanguarda sim, por que o teu tema é a sociedade e a sociedade é ampla, é complexa, é dinâmica e ta sempre em processo de mudança e tu acaba assimilando mais fácil isso e acaba realmente se identificando com essa metodologia de projetos e de diálogo. (sic) (PRIMEIRO VALETE, entrevista, 2014)

Continuando na questão do Politécnico ele afirma que:

Sobre essa questão da politécnia, dentro do meu ponto de vista eu entendo assim ó... eles priorizaram realmente , enfatizaram pelo menos aqui na segunda CRE que é da região da qual eu faço parte, embora eu já ouvi colocações do próprio José Clóvis de Azevedo numa reunião em Porto Alegre, num seminário que eu participei, sobre essas questões. Mas sobre a politécnia é assim, é o mundo do trabalho, então eles entendem que o jovem nesse momento ele precisa se qualificar, e a politecnia propriamente dita ela vem,

como ela não tem uma escola hoje que reúna toda essas capacitações, eles fizeram parcerias com SENAC, SESI, SESC e outras instituições parceiras, no sentido de o governo federal pagar essa preparação de vários cursos populares, por que eu escuto os alunos as vezes reclamando, mas aí é um outro problema que nós temos no nosso país, a gente não valoriza determinados tipo de trabalho. Outro dia, vou dar o exemplo, eu dizia e um aluno me disse, pô professor curso de pedreiro?, eu disse, até então muda o nome eu disse pra ele, de curso de pedreiro muda pra técnico em construção civil, não fica mais interessante? Né? Por que depende a tua postura em relação ao curso de qualificação que tu ta fazendo e não ao curso de qualificação em si, por que é bom tu ter essas habilidades e te esse conhecimento, pelo menos tu tem um ponto de partida pra depois dar conta das tuas necessidades e depois fazer uma faculdade, que o governo o governo também ta tentando construir. Na verdade a politecnia então seria essas questões assim, de encontrar um caminho pra que esses alunos possam realmente ter um preparo na escola ou nessa fase de formação básica pra posteriormente eles poderem se encontrar no mercado de trabalho com alguma qualificação, já que nem todas as escolas poderão ser técnicas também né? Também tem isso, por que na verdade o que a gente ta percebendo aí em todas discussões sobre ensino no nosso país, ta todo mundo quase que concordando com essa questão do tempo integral, que o jovem até os 18 anos na sua obrigatoriedade de ta na escola, que ele passe o dia na escola então, nessa formação nesse preparo do todo do aluno, pra que ele possa aí realmente depois levar sua vida preparado. (PRIMEIRO VALETE, entrevista, 2014)

Sobre a avaliação emancipatória, ele afirma que já pratica essa forma de avaliação há mais de vinte anos, sempre trabalhou com a visão do próprio aluno e o conhecimento que ele adquiriu, pois segundo ele não é uma prova que deve dizer aquilo que o aluno sabe ou não sabe, mas sim o sentimento do próprio aluno sobre aquilo que foi proposto.

4.2.2 O segundo Valete – “Pra inglês ver [...]”

Nosso Segundo entrevistado se formou há pouco tempo em Ciências Sociais, e atua há pouco mais de um ano na rede estadual de ensino lecionando além de Sociologia também, história, geografia, filosofia, ensino religioso e seminário integrado. Embora possua conhecimento nessas outras disciplinas o nosso Valete reconhece que não se sente confortável trabalhando fora da Sociologia, porém é necessário para completar a sua carga horária. A opção pela Sociologia brotou do anseio de buscar uma modificação na sociedade através da educação, nas palavras do professor:

Creio que a intenção de contribuir para uma sociedade melhor, a gente tenta de várias formas e talvez o *ser professor* tu consiga, e não só de Sociologia, mas de toda e qualquer disciplina tu consiga contribuir de uma forma, num trabalho de formiguinha mas, talvez um pouco mais, não digo mais fácil, mas mais clara e justa do que hoje, por meios políticos, por exemplo. (sic) (SEGUNDO VALETE, entrevista, 2014)

Embora tenha iniciado sua trajetória docente já dentro dos padrões atualmente estabelecidos, ele reitera que foi aluno do ensino médio no sistema antigo, o que lhe permite fazer as comparações, pois vivenciou as duas partes. No que se refere às mudanças dentro da escola. Ele cita que:

Por hora não se tem uma mudança, uma mudança tão drástica quanto a teórica assim, quanto a teoria diz. Até por falta de adequação dos professores nesse modelo e pela insistência e a resistência que o ser humano tem as mudanças né?[...] então, por mais que tu diga que a avaliação é emancipatória e que tu tem que trabalhar com conceitos, o cara, a maioria dos professores não se desvincula da nota, ele continua, fazendo lá sua provinha... cara tirou cinco ele é CPA¹, é parcial, agora se ele tirou oito ele é satisfatório, então não há... a mudança não é tão sentida nesse sentido né? Claro que agora tu vê em algumas... tem uma disciplina a mais chamada Seminário Integrado que tu trabalha, tem o intuito de trabalhar a autonomia do jovem e tal, pra que se transforme num aluno pesquisador. Mas da forma que isso foi implantado também, fez com que pelo menos nesses... e daí trago relatos de outros professores nesses dois anos que iniciaram esse projeto, me parece que de uma forma pra inglês ver assim, não tem esse envolvimento do aluno com a pesquisa e essa autonomia no modelo que ta sendo praticado dentro das escolas que eu tenho contato ao menos, eu não consigo perceber como efetivo, eu acho que é uma excelente ideia mas da forma que ta sendo aplicado não ta dando os resultados que se esperava. (sic) (SEGUNDO VALETE, entrevista, 2014)

Trabalhando dentro da disciplina de Seminário Integrado, o nosso Valete diz que a escola no ano passado optou por trabalhar com eixos-temáticos e aí no primeiro ano que foi às turmas com as quais ele trabalhou o tema “comunicação”, em conversa com a turma eles optaram por trabalhar com rádio e jornal. Como a escola possui uma rádio escolar, alguns alunos organizavam conteúdo para a rádio e operavam a mesma durante os intervalos, e outros começaram a trabalhar com o jornal, assumindo editorias diferentes conforme a sua aproximação com os assuntos. Esse ano a escola não delimitou os eixos-temáticos o que gerou uma grande gama dos mais diferentes assuntos, o que segundo ele, dificulta ainda mais o trabalho do professor orientador que precisa estar atento aos diferentes assuntos para que os alunos não tenham uma carência no que diz respeito ao suporte por parte do professor. Ainda sobre o seminário integrado diz ele:

O ano passado quando eu entrei na escola, eu entrei em maio, então eu entrei pra *tapar furo*... peguei todas que faltavam inclusive uma de Seminário Integrado, esse ano eu já optei por trabalhar com uma turma de Seminário Integrado por acreditar no projeto, mas eu imaginava que a escola ia se estruturar de um jeito diferente também, o que não aconteceu... O que foi conversado numa reunião no final do ano passado. Isso é interessante também que nesse lance do Politécnico a escola tem muita autonomia pra delimitar o que vai ser a sua estrutura, desde dos planos de estudo até os assuntos que vão ser abordados na pesquisa do Seminário Integrado... Mas ainda, algumas questões claro né?... e aí passa pela desvalorização do professor, passa pela quantidade excessiva de dias letivos que faz com que o professor tenha que tá na escola todos os sábados, e aí cada sábado que o professor vai, acaba indo de *saco cheio* invés de se tivesse um sábado por mês que o professor fosse lá realmente pra trabalhar e decidir coisas importantes talvez ia com a cabeça mais arejada e tal e conseguiria fazer o trabalho render. E aí passa também por os professores tem que se dividir muitas vezes por duas, três escolas e não consegue dar a atenção devida pra aquela escola e por aí vai, tem uma série de fatores assim que não permitem que a escola se organize da melhor forma. (sic) (SEGUNDO VALETE, entrevista, 2014)

Observando sobre o outro pilar de sustentação da reestruturação do ensino médio, a avaliação emancipatória, o Valete afirma:

Ao meu ver, teoricamente é perfeito né? Por que o cara pode ser um poeta, um *expert* em linguagens e tal, só que não se adapta com números, por exemplo e na matemática ele nunca consegue desenvolver o que se espera dele, por isso ele vai ficar repetindo, repetindo, repetindo de ano né? Pra mim não parece justo, só que na prática isso também não tá se efetivando da melhor forma[...] a parada ainda é muito pragmática no sentido de, ah tu tem três disciplinas nessa área, se o cara conseguiu atingir o objetivo em duas e em uma não, OK tá aprovado, mas se em duas ele foi razoável mas na outra ele foi super bem, ah não mas se ele foi razoável em duas não vai poder ir adiante, ele vai ficar com parcial aqui né? E ainda nas escolas que eu trabalho a matemática não tá incluída dentro de uma área, ela tá como uma área específica e tal, que ainda lhe atribui o poder supremo de reprovar ou não o aluno. (sic) (SEGUNDO VALETE, entrevista, 2014)

Segundo o professor a Sociologia no Ensino Médio ainda é uma disciplina nova e segue em construção não estando ainda estruturada a ponto de sabermos se houve ou não uma transformação da disciplina após a implantação do projeto. A adaptação ou não pode variar conforme o próprio professor, como ele mesmo cita não existe uma forma “reta” de dar aula de Sociologia e a escola e o professor tem a autonomia necessária pra fazer essa adequação. Não só a Sociologia como também as demais disciplinas.

4.2.3 O terceiro Valete – “[...] a Sociologia ela é sim uma disciplina que na verdade, ela é um norteador dentro da escola, pra uma mudança, e ela deve ser para uma mudança na perspectiva de educação [...]”

Vejam agora, as considerações do nosso terceiro Valete, que na realidade não se trata de um, mas de uma Valete. Formada em Ciências Sociais desde o ano de 2001, atua na rede estadual de ensino hoje trabalhando apenas com Sociologia e Seminário Integrado. Coordena na escola o Programa Institucional de Iniciação a Docência - PIBID de Sociologia, orientando cinco bolsistas de uma universidade da região. Passando às questões do Politécnico propriamente dito, a professora diz que:

É o terceiro ano de experiência com o Ensino Médio Politécnico, ele trouxe no início a todas as escolas... eu participei de todas as reuniões, até por que eu era porta-voz da escola, e a gente teve bastante resistência no início como as coisas eram apresentadas até por que as informações se contradiziam um pouco porque talvez a teoria não condizia com a proposta de trabalho. A teoria é muito boa, eu li toda a parte teórica do estado, todas as referências que, teóricas que eles buscaram, os autores eu li... e a proposta a princípio na teoria era extremamente interessante, assim, não era novidade porque se a gente for olhar na Lei de Diretrizes e Bases, e não só isso, em vários autores da área da educação. Já existe há muitos anos uma proposta de uma quebra de paradigmas e de uma mudança nos processos didáticos né? [...] De sala de aula, pro ensino do aluno atual, até por que a evasão escolar é extremamente alta e a gente sabe os índices do IDEB¹. No início a preocupação era que o estado estava preocupado com a evasão escolar e automaticamente não estava preocupado com uma estruturação maior no conhecimento, que foi uma discussão que aconteceu com todas as escolas. Então a escola até fez um abaixo-assinado se colocando contra no início e a gente tava pedindo mais tempo pra poder avaliar esse material do estado, até porque a nossa segunda CRE, ela tinha um discurso e aí depois eles diziam, não... vocês aplicam da maneira com a realidade da escola, mas como? Qual é a maneira né? Então nós fizemos todo um estudo da nossa escola, a gente começou do princípio sim, com uma pesquisa sócio-antropológica do nosso aluno, foi interessante porque essa pesquisa inclusive favoreceu o PIBID de Sociologia aqui na escola pra gente pegar mais a realidade. Nós criamos, eu estava nessa comissão, um grupo de cinco professores nós viemos nas férias de verão, quando logo, a proposta foi implantada mais ou menos em Outubro/Novembro e nós viemos, em 2011, nós viemos pra cá no verão pra dar uma lida e eu li e montei um projeto para a escola em cima da proposta do estado baseada nos referenciais teóricos do estado, né? Até porque a fala não condizia muito com a teoria. Então a gente desenvolveu durante as férias um projeto, eu desenvolvi junto... Eu que encabecei esse projeto aqui, e aí a gente criou uma comitiva do Politécnico pra ver como nós iríamos trabalhar com os alunos no primeiro ano, que foi nesse primeiro ano de atividade, a pesquisa. Então a gente se direcionou [...] na verdade as informações vinham a todo momento, de manhã tu tinha uma informação, de noite tu tinha outra, mas então como nós encabeçamos algumas diretrizes aqui, a gente tentou não desviar do foco e automaticamente no decorrer do tempo ir assimilando as novas informações que iam surgindo e eu ia participando das várias reuniões. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

A escola então passou a trabalhar com uma nova metodologia, a pesquisa. Houve bastante resistência por parte das famílias e de alguns professores, segundo ela:

Por que nós, por exemplo, Sociologia. Nós professores de Sociologia, na Sociologia tu trabalha muito com pesquisa, então pesquisa pra nós, pra mim, pra ti não é problema, pelo contrário porque nós temos cadeiras de pesquisa. Agora pra professores que fizeram somente o TCC, que é uma pesquisa e nunca mais desenvolveram essa prática, teórica e prática é mais complicado. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

O Estado sugeriu dez eixos temáticos para a pesquisa e a escola optou por “meio ambiente e sustentabilidade” como uma espécie de projeto piloto no primeiro ano de projeto. Dividiram os professores para orientar o Seminário Integrado que nesse ano ainda não era muito bem definido e menos ainda descolado das disciplinas dos orientadores. Já no segundo ano as aulas de seminário integrado receberam uma melhor estruturação. Foram oferecidas oficinas com alunos de outras escolas que já trabalhavam a questão da pesquisa anteriormente a implantação do Politécnico. Foram destas oficinas que surgiram os primeiros projetos de alunos e a primeira feira científica fora do Brasil. Dois grupos de pesquisa coordenados pela professora participaram de uma feira aqui no Rio Grande do Sul e posteriormente foram encaminhados para a Fundação de Ciência e Tecnologia - CIENTEC Internacional em Lima, no Peru. As alunas da escola já no primeiro ano desenvolveram uma pesquisa sobre os impactos ambientais e sociais da chegada do trem a Novo Hamburgo e o outro grupo falando a respeito da importância da energia eólica e sustentabilidade. Mas nem tudo correu tão bem já no primeiro ano, segundo nossa Valete:

Ali foi o primeiro contato de alunos com a pesquisa e, automaticamente, isso veio a incentivar e o que a gente percebeu talvez no primeiro ano bastante confusão, a gente fez a nossa feira interna aqui, muitos trabalhos apresentados, uns muito bons outros nem tanto. Mas aí a gente já viu algumas fragilidades [...]. O segundo ano de trabalho do Ensino Médio Politécnico, nós abrimos pros dez eixos temáticos, talvez ainda o estado não tinha se organizado dentro de uma estruturação de como deveria ser a politecnia e como, e o restante das informações e a avaliação daí veio, mudanças na avaliação né? No final do ano de 2011 já veio uma mudança na avaliação que passou a ser não mais nota e sim conceito, satisfatório, parcial e restrito. Isso gerou bastante confusão, novamente muitas reuniões, informações que não condiziam muito bem e a gente tentou adequar essa questão da recuperação, o PPDA, em cima de uma proposta aí..., mas ainda meio..., mas a gente conseguiu, nós chegamos lá. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

A respeito da ideia da pesquisa a professora ressalta ainda que a oportunidade dos alunos de uma escola pública não técnica participarem de feiras em outros estados e até outros países estimulou ainda mais os alunos e os professores a desenvolverem trabalhos cada vez mais interessantes e cada vez mais consistentes em metodologia. Ela relata que através desta oportunidade pode trabalhar autores como Clifford Geertz (1978), por exemplo, pesquisa qualitativa e observação participante, assuntos muito comuns para nós estudantes de Ciências Sociais, porém muito distante da comunidade escolar. Segue ela:

Pra Sociologia ficou bastante fácil trabalhar essa interdisciplinaridade, e se nós formos fazer um levantamento aqui na escola inclusive neste ano aqui, grande parte dos trabalhos, eu diria 90% dos trabalhos são na área social, nas humanas[...] Como nós conseguimos fazer esse diálogo muito mais fácil dentro de todas as áreas, eu posso trabalhar um tema e esse tema eu consigo abordar ele dentro da nossa área porque tudo é humano, tudo é social, qualquer tema ele vira social, né? Dentro da Sociologia, e como a gente já tem um chão em pesquisa, essa questão beneficiou bastante, foi mais fácil fazer essa junção esse diálogo e essas conexões com a realidade do aluno. A gente percebe bastante resistência né... Em alguns professores ainda, mas pela dificuldade talvez de compreensão, o trabalhar interdisciplinar. A proposta do estado é que tu trabalhe esses temas de maneira interdisciplinar, então esse ano aqui já existe formação dentro da escola, sábado nós trabalhamos, sábado que vem de novo e o exercício é exatamente trazer temas dos alunos do Politécnico e trabalhar de maneira interdisciplinar, o que eu poderia trabalhar em sala de aula né? Então assim, em relação a Sociologia, eu percebo que eu posso estar trabalhando dentro de uma realidade mais cidadã, mais contextualizada dentro das diversidades e eu posso trabalhar também dentro de uma realidade de uma sociedade globalizada, e enfim né? Tu pode fazer links e eu consigo dar minha aula de Sociologia trabalhando os temas vários. Em relação a achar que emerge mesmo numa época em que tu não consegue mais trabalhar com alunos de uma maneira onde tu só transmite conhecimento, isso é real, isso não é uma demagogia. É difícil tu colocar em prática por que as escolas ainda resistem bastante quanto ao uso das tecnologias nas salas de aula né? Até por que tu não tem uma estrutura nas escolas também que propiciam totalmente a pesquisa, por exemplo, o nosso laboratório de informática é um caos, os computadores são obsoletos, a internet é muito lenta, tu não tem muita estrutura de salas pra trabalhar a pesquisa né? Então tu tem que fazer um rodízio no contra-turno, eles vem pra trabalhar três horas de pesquisa e duas de Educação Física no mesmo dia, dá uma manhã ou uma tarde. Tu tem o aluno que trabalha, ele vai ter que fazer as horas a distância por que ele tem o respaldo de um atestado de trabalho, terceiro ano por exemplo né? Que a maioria trabalha[...] Embasada nas pesquisas e nas feiras que eles puderam participar e a experiência que eu tive no Peru por exemplo que eu estive com professores de várias delegações, mexicana, América Latina toda praticamente, Equador, Argentina, Uruguai, várias delegações que participaram o que que eu percebi? Eu percebi que a pesquisa já é parte da realidade deles do ensino, o aluno não sai do ensino médio sem desenvolver uma pesquisa com experimentação na universidade, só que a diferença é que a Universidade ta mais aberta para os alunos do ensino médio né?

Que é diferente daqui que a gente não tem isso, então eles fazem trabalhos com experimentação no laboratório da universidade, tem todo um respaldo... Salário do professor né? Maior, bem maior, no Equador ganha quatro vezes mais do que nós pra vinte horas, a gente trabalha quarenta né? Então tu vê que o aluno hoje, ele tem que ter maior autonomia, o aluno não quer mais ficar sentado, eu não consigo manter uma turma sentada por um período inteiro, tu tem que propiciar pra eles que eles queiram a aula e que eles queiram buscar isso. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

Resumidamente, nossa terceira Valete, vê com bons olhos a introdução da pesquisa em sala de aula e faz uma comparação entre o terceiro ano da escola em 2014 com o terceiro ano de 2013 que foi o último que não teve acesso ao Politécnico. Ela diz que o terceiro ano deste ano tem um discurso melhor nas análises sociais, na postura de apresentação de trabalhos e nas aulas de Sociologia sem dúvida alguma, afirma ela, a pesquisa é uma pratica indiscutivelmente positiva.

Em respeito à avaliação, ela afirma também que a Sociologia já fazia esse olhar qualitativo do aluno, que jamais fez provas ou avaliou algum aluno com nota fechada, mas sim, desenvolvendo atividades e avaliando o crescimento dos alunos. Em respeito à divisão por áreas do conhecimento, a professora alega:

Eu vejo bastante dificuldade do pessoal da matemática trabalhar com objetivos, são professores bons, os professores daqui são bastante empenhados e eles não exercem um papel meio que de ditadores da sua nota, do seu conceito e como eles, “ah, não ficou, em matemática eu não abro mão.” O que se nota do nosso pessoal aqui da matemática, são poucos professores é uma preocupação bastante grande com relação aquele aluno que atingiu o objetivo nas outras três áreas, mas na dele não atingiu. Então a uma busca, um retorno, inclusive eu já vi professores marcando com grupos de alunos encontros no contra-turno, é um trabalho excedente na verdade, mas pra tentar possibilitar um certo tipo de resgate em alguns que não conseguiram entender né? E se o aluno ficou numa área só, ele vai até o final do ano numa área só, provavelmente ele vai ficar em progressão, então propriamente dito ele não vai reprovar por que ele vai ficar em progressão, a não ser que ele pegasse duas áreas, daí ele reprovaria. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

Muitas mudanças ainda estão acontecendo, mas muito do que orienta as demais disciplinas parte da Sociologia, segundo ela:

Aqui no colégio a Sociologia é o norteador do Ensino Politécnico, ela já era proposta na escola antes mesmo do projeto. E conseguia trabalhar com EJA (**Educação de Jovens e Adultos**), temas que saiam da Sociologia e eram trabalhados interdisciplinarmente dentro da escola. E se eu te disser e eu já te disse isso hoje que 90% dos trabalhos de Politécnico de pesquisa são da área das Ciências Humanas, das sociais principalmente e que hoje eu oriento quase quarenta trabalhos aqui na escola esse ano de pesquisa, automaticamente a Sociologia ela é sim uma disciplina, que na verdade ela é um norteador dentro da escola pra uma mudança, e ela deve ser para uma mudança na perspectiva de educação né? Uma educação muito mais humanizada na verdade, e ela consegue dialogar com todas as áreas. (sic) (TERCEIRO VALETE, entrevista, 2014) (Grifo nosso)

Para finalizar ela orienta sobre a questão da burocratização presente no projeto do governo, afirma:

Um dos grandes problemas é o aumento da burocracia, até por que tu tem que fazer formulários disso, formulários daquilo, promover formações, preenchimento de bem mais papéis né? Porque hoje tu tem que relatar o desempenho do aluno, o teu olhar qualitativo...tu tem que preencher papel, aumentou a burocracia ao mesmo tempo que aumentou a autonomia da escola. Aumentou também o número de reuniões, fora que a gente leva bastante trabalho pra casa, mas se isso é pra refletir numa mudança, eu, propriamente dito, eu acredito na mudança que ela já era emergente a vinte anos atrás né? E que agora ela é muito mais, então se a proposta é uma mudança de fato... é difícil as mudanças né? Na educação, e em relação a essa burocracia se eu fosse opinar eu ia dizer, ah dava pra tirar a metade dessas informações todas que o estado quer se respaldar né? Eu tiraria metade dessas burocracias, agora o processo de mudança, a pesquisa no ensino público, tu preparar muito melhor o teu aluno para a pesquisa, tu ter um aluno mais criativo, mais investigativo, isso acrescentou dentro da nossa realidade da escola e ainda mais nas aulas de Sociologia, a gente usou isso como ferramenta de trabalho dentro da escola. (sic) (TERCEIRA VALETE, entrevista, 2014)

4.2.4 O quarto Valete – “[...] Como eu disse, já teve essa discussão então vamos trabalhar juntos pra entender esse processo, e não criar um teatro burlesco.”

Nosso quarto professor possui uma peculiaridade, é o único que não é formado em Ciências Sociais. Pedagogo por formação, Nosso valete leciona além de Sociologia, também Filosofia e Seminário Integrado. Embora não seja formado na área, ele ressalta que trabalhou muitos anos com educação popular, e que a Sociologia tem muito disso, da questão humanitária e da formação voltada à cidadania. Sua experiência como Educador Social em

um centro de defesa da criança e adolescente por mais de dez anos possibilitou a ele retratar em sala de aula essa realidade vivenciada. Pois a análise da sociedade, da justiça social, da procura por entender a sociedade em que vivemos, com suas diferenças e desigualdades já fazia parte do seu dia a dia, o que segundo ele, facilitou muito nesses quatro anos em que está dando aulas de Sociologia.

Entrando na questão do Politécnico, nosso Valete participou desde o início das discussões e da implantação do projeto, que segundo ele:

Particpei até do processo, que foi um processo que foi uma fantasia do Governo do Estado, porque todo o processo de implantação Politécnico já tava decidido e o governo criou uma *Conferência do Ensino Médio* [...] só que o Politécnico já tava previsto pela Lei de Diretrizes e Bases de 1996, a LDB já tava prevendo o Politécnico já a muito tempo como várias coisas que tão acontecendo hoje já tava previsto na Lei de Diretrizes e Bases. Então o que o Governo Estadual fez, por que tem uma data limite de implantar o Politécnico o Governo do Estado se adiantou, tudo bem, não tem problema nenhum em fazer isso, mas montou um processo que foi um teatro que se chamou *Conferência Estadual do Ensino Médio*. Onde tudo que os professores, pais e Alunos decidiram não foi levado nada em conta por que na verdade, já estava pronto de cima pra baixo o Politécnico. (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

O professor afirma ter feito parte de todas as reuniões e ter “brigado” muito nelas, onde se afirmou, na verdade, assuntos que estavam pendentes desde a LDB 9394 de 1996. O que segundo ele, não havia necessidade, era da forma autoritária como foi imposta em 2011 procurando legitimar algo que já era legítimo. Ainda segundo ele:

Eu participei de todo o processo como professor, e depois a gente viu que na verdade tudo já tava pra se implantar a LDB, ou seja, se perdeu um tempo muito precioso na verdade, porque o Estado tinha uma intenção de fazer com que os professores acreditassem que tinha sido uma construção deles[...] e que na verdade foi uma construção dos professores mesmo, mas lá na década de 90, e tudo bem, se fosse colocado dessa maneira esses professores não iam ter uma resistência tão grande. A resistência foi por causa desse modo burlesco de colocar algo que já tava decidido [...] Como eu disse, já teve essa discussão então vamos trabalhar juntos pra entender esse processo e não criar um teatro burlesco. Então por muito tempo eu fui contra o processo de implantação. Mas claro, se a gente encontrar o Politécnico lá, a gente vai ver as cabeças incríveis que ajudaram nesse processo e Politécnico é bom, o problema foi essa forma inversa e burlesca que o Estado fez, e que tornou tudo de forma...tornou tudo difícil, até quem gosta do processo ficou com aquele nó na garganta do modo que foi implantado. (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

Sobre a avaliação emancipatória e a interdisciplinaridade:

Eu acho a avaliação emancipatória um troço assim sensacional, que vai ter que trabalhar muito a cabeça do professor, então cada escola vai ter que ter forte isso, porque muitos professores ainda tão com aquela coisa quantitativa, de nota, de comparação de alunos... e a emancipatória ela é uma coisa que além de trazer o aluno com ele mesmo né? Das suas limitações, das suas... o aluno eu acho que tem muito mais potencialidades que a própria escola não consegue desenvolver e que com essa emancipatória a gente vai ter que procurar essas potencialidades, e deixar de tá naquela inteligência que é a que mais a gente avalia, que é a capacidade de memorização né? [...] E a interdisciplinaridade que é fantástica, que é algo que a gente já notou que tem problemas, por exemplo, com a química e física geralmente, que são difíceis de a gente enquadrar num tema gerador, e hoje atualmente o nosso tema gerador é *Direitos Humanos e Leis*. Então a gente conseguiu abrir uma gama bem grande de ideias, e a área de humanas e a Sociologia que tão na verdade meio que encabeçando essa temática aqui na escola. A Sociologia é uma análise da nossa sociedade e de fatos concretos, como eu digo pros alunos, por que na verdade a Sociologia é muito parecida com a filosofia em diversos aspectos né? Então até o professor de filosofia aqui da escola, a gente faz praticamente o nosso plano de estudo muito paralelo, junto, filosofia e Sociologia. A gente faz muito paralelo, por que ele lida com as teorias filosóficas políticas e da vida, porque na verdade a tua vida, porque a tua vida é política, porque tu lida com pessoas [...] Como eu tenho a formação de pedagogo e também na questão da Sociologia, meus colegas todos me procuram pra, quando a gente fala sobre Politécnico e interdisciplinaridade. [...] O estado hoje está dando uma formação específica pra um professor, que ele é o coordenador do Politécnico dentro da escola, o nosso professor é de história hoje, mas eu faço uma parceria muito grande com ele em termos de auxiliar ele nessa questão do Politécnico. (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

Devido à junção entre as áreas do conhecimento, nosso valete acredita que houve com a união da área Ciências Humanas uma expansão não só da Sociologia, mas como das outras disciplinas da área que antes eram tratadas até com certo desprezo, como disciplinas que por não rodarem o aluno, não tinham grande importância. Porém segundo ele:

E na área da matemática, ela sozinha, ela também se obrigou a ter esse sentido de buscar as outras disciplinas para o diálogo. Por que apesar dela tá sozinha, e como o professor de matemática, quando ele tá numa turma e ele precisa dialogar e ele não tem um outro professor de matemática ele tem que dialogar com a natureza, ele tem que dialogar com humanas e isso eles fizeram de uma forma sem querer, que deu certo[...] O que parecia algo horrível acabou se transformando em algo que dá certo.[...] O grande problema dessa história toda é a burocratização, eu confesso que tenho bastante problemas nessa parte burocrática, eu sou um cara que dentro da sala de aula sou ativo, preparo aula, consigo fazer a avaliação e tal, mas essa parte burocrática ela é complexa né? O que acaba acontecendo é o seguinte, acaba acontecendo por ser... Como te dá um ônus de muito trabalho, e o Politécnico te dá mesmo muito trabalho, ele acaba então essa parte avaliativa tu faz também, perfeito, mas a parte burocrática onde tu emite um parecer e tal, tu acaba padronizando.

E então o que tu faz? Aquela ferramenta, que podia ser uma ferramenta, por que a avaliação é uma ferramenta, que tu podia melhorar não só a tua aula mas também o aluno, tu acaba transformando ela numa coisa burocrática que tu vai padronizando pra ficar mais fácil, mais rápido. A Sociologia por exemplo que é um período por turma, o professor que tem quarenta aulas hoje, ele tem trinta turmas, trinta cadernos, são novecentos alunos se tu contar trinta alunos pra trinta turmas tu tem novecentas avaliações. Então tu tem que fazer com que a avaliação seja algo mais ágil, porque se tu fizer trabalho descritivo que tu vai ter que ler, são novecentos trabalhos pra ler, então claro a gente tem que ser muito criativo, tu tem que usar muito a área. (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

Neste exato momento da entrevista, tivemos que sair da sala de aula onde estávamos e dirigimo-nos a sala dos professores, lá estavam outros dois professores, um de Física e um de História, além de outro, que não sei se era professor ou não, mas não se manifestou em nada e, portanto não merece destaque. Dos dois professores que se manifestaram, os chamarei de “Lebre de Março” e “Arganaz⁴”.

A “Lebre de Março”, um professor de Física desde 2008 e o “Arganaz” um jovem professor de História em seu primeiro ano docente. Mas a parte mais interessante deste momento se deve a relatos sobre a questão da interdisciplinaridade, algo que vem se tornando freqüente na escola, aulas coletivas, com turmas e professores reunidos trabalhando temas geradores. A “Lebre de Março” relatou que em uma dessas aulas se uniu ao “Arganaz” e um professor de Geografia com duas turmas de segundo ano e um terceiro para falar sobre a “segunda guerra mundial”, e essa aula foi muito produtiva, pois tratou de vários temas, e os alunos gostaram muito.

Nasceu daí a ideia de aos sábados letivos fazer aulas coletivas juntando as mais diferentes disciplinas. Segundo a “Lebre de Março” a união entre Física e Sociologia em uma aula sobre Tecnologia nasceu do improviso, segundo ele:

Nasceu muito do improviso assim, a primeira aula que teve. Por que assim, a gente tem um tema gerador e cada disciplina vai falar a sua visão sobre isso dali, a primeira foi muito legal por que foi muito no improviso (sic) (LEBRE DE MARÇO, entrevista, 2014).”

O valete emenda:

⁴A Lebre de Março e o Arganaz são personagens do livro ‘Alice no país das Maravilhas’. Enquanto a Lebre é falante e ativa o Arganaz está sempre dormindo e parece desligado de tudo. Exatamente a impressão que os dois professores me passaram, um super-motivado e outro dormindo na mesa.

Como tecnologia, o “Arganaz” falou sobre a história da tecnologia, sobre a história da roda... eu entrei com o que a tecnologia influencia na sociedade, e a “Lebre de Março” também falou sobre energia e tecnologia e o que pela física se pensa essa tecnologia, pra onde vai... e daí em português já fizemos um sarau, a gente achou umas poesias, daí a gente leu umas poesias sobre o assunto, pra matemática o professor fez joguinho[...] e o aluno também traz a sua dúvida né? Tá, mas então a gente pode falar também sobre Célula Tronco? Daí já entra na questão da biologia, mas a Sociologia pode discutir a questão religiosa envolvida no assunto e por aí vai... (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

A “Lebre de Março” seguiu dizendo que a ideia das aulas é ser completamente informal, com temas partindo a partir dos alunos. Embora trabalhe com esse projeto ele afirma ter sido proibido de lecionar a disciplina de Seminário Integrado pela CRE “Nem física em nem matemática, não pode.” (sic) (LEBRE DE MARÇO, entrevista, 2014). Disse ele, completando que quando tem um período livre os outros professores têm ido assistir às aulas dos outros, o que é muito produtivo para a interdisciplinaridade.

Para finalizar esta análise, deixo essa fala do Valete que me parece emblemática no que diz respeito à autonomia e à burocracia imposta à escola, segundo ele:

Bom, na verdade nós temos um grande problema aqui na escola, porque nossa equipe diretiva da escola tá muito sobrecarregada [...] Então é como eu te disse como eu sou pedagogo e da área da Sociologia, quando falamos sobre Politécnico alguma coisa, todo mundo olha pra mim né? Mas eu não me esquivo disso, acho bacana por que eu gosto do Politécnico. Mas eu vejo assim ó... que na verdade eu acho que é um espaço que a gente pode explorar, que a gente pode fazer gestão, que a gente pode dentro das limitações que a SEDUC passa pra nós, a gente pode sim, pode ter mais alternativas, a gente pode ser criativo no espaço que tem. Mesmo parecendo muita coisa mandada de cima pra baixo, a gente tem como dar uma reboada e ser criativo naquilo, não que eu concorde com o que a coordenadoria faz, mas a gente consegue, só que a gente precisa de tempo. [...] Mas assim ó, a direção é sufocada pela coordenadoria, isso a gente não pode negar [...] Por exemplo, no Planejamento Participativo da Escola Anual e nos Planos de Estudo, por exemplo, prazos pra terminar planos de estudo, mas tem muita liberdade em fazer o plano de estudo eu acho [...] Em termos de conteúdo, a gente tem no sentido de emancipar o aluno né? De fazer um conteúdo que vá ao encontro nas necessidades do aluno enquanto cidadão e viver no coletivo. Mas os problemas são os prazos, os problemas são as metodologias, as assinaturas, as burocracias. E tem então, pra tu ver o plano de estudos que a gente tá fazendo, dos professores e tem também o planejamento que é o conselho escolar, que é o planejamento anual da escola que atinge seis dimensões da escola, que tratam de orçamento, que tratam de várias coisas e que a escola tem que dar conta num prazo determinado, e que recai pra equipe diretiva não é pro conselho escolar. Na verdade o conselho escolar é que tinha que mandar e entregar o processo, só que como a coordenadoria não tem como pressionar o conselho escolar, ela pressiona a equipe diretiva. Então esses são problemas de tramites burocráticos que a gente tem que começar a quebrar né?

[...] daí o nosso coordenador da área do Politécnico (Arganz), ele ta recebendo uma pressão muito grande por que ele ta também fazendo uma capacitação e ta ganhando também pra fazer essa capacitação, e ta recebendo uma pressão da coordenadoria e da Secretaria bem grande, então, essas coisas, que se pegar uma equipe diretiva, ou uma escola, ou um grupo de professores que tem muito mais resistência do que nós aqui, vai dar problema e deve ta dando problema, eu acho...mas é que nós, a gente acredita no que a gente faz [...] E curtindo fazer isso de forma interdisciplinar. (sic) (QUARTO VALETE, entrevista, 2014)

5 - A OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE

5.1 - Eu no país das maravilhas, ou não.

Neste terceiro capítulo, a observação participante (autor do termo que sustenta trabalho e ano da obra) terá um espaço muito importante. Através das vivências na escola no período dos dois estágios obrigatórios, participando de conselhos de classe, conversando com diversos professores e alunos e, principalmente, frequentando a sala dos professores percebermos e registramos comentários, orientações e debates entre os docentes, e também relatos de situações vivenciadas pelos alunos no que diz respeito ao Ensino Politécnico.

A participação no conselho de classe rendeu a este trabalho um item especial denominado “O chá do chapeleiro Maluco” e rendeu muitos subsídios para nossa compreensão acerca da relação da comunidade escolar com o Politécnico. Outro fator importante a ser ressaltado aqui, foi a participação, durante o período de greve, das reivindicações dos professores. Frente ao convite pra uma manifestação contra o secretário José Clóvis de Azevedo, marcamos presença, mas na condição de pesquisadores observando o comportamento dos professores e procurando colher informações para uma melhor compreensão do tema. Nos reportaremos agora para dentro do País das Maravilhas, vejamos o que a observação participante nos mostrou.

5.2 O chá do chapeleiro maluco

Seguindo no embalo de “Alice no país das maravilhas” vemos um ponto importantíssimo para conferir na realidade a interdisciplinaridade proposta pelo Politécnico, o conselho de classe.

A primeira mudança pode ser notada na diferença entre o conselho dos terceiros e dos segundos anos, pois aqueles que hoje estão no segundo ano do ensino médio, seriam assim, grosso modo, as primeiras “cobaias” da reestruturação proposta pelo governo do Estado. Entre os terceiros anos, cada disciplina fornece a nota de cada aluno, e todas (em termos, e bem em termos) têm o mesmo valor. Já entre os segundos anos é possível notar a influência do Politécnico, onde as notas são transformadas em conceitos; CSA (Construção satisfatória

da aprendizagem), CPA (Construção parcial da aprendizagem) e CRA (Construção restrita da aprendizagem)

As disciplinas são divididas em áreas do conhecimento: Linguagens e suas tecnologias (Português, Literatura, Artes, Língua estrangeira, Educação física), Matemática e suas tecnologias (Matemática), Ciências Humanas e suas tecnologias (História, Geografia, Sociologia, Filosofia e Ensino Religioso) e Ciências da natureza e suas tecnologias (Biologia, Química e Física). O conceito final deve partir de um consenso entre os professores da área, e é justamente aí que começa a “maluquice”.

No chá do “Chapeleiro Maluco”, as coisas não faziam sentido algum e as respostas nunca eram respondidas com exatidão, sempre de uma forma vaga e dissimulada. Os integrantes do chá não conversavam sobre as mesmas coisas e Alice, sentia-se completamente perdida diante de tanta maluquice. Pois bem, o conselho de classe dos segundos anos lembrou e muito o chá do chapeleiro.

Na área das ciências humanas os professores conversavam sobre determinado aluno que tinha opiniões fortes, participava das aulas, debatia, perguntava: CSA pra ele. Nas ciências da natureza o mesmo aluno era um chato, não parava no lugar, vivia conversando, “tem que chamar os pais dele” defendia uma professora, “esse guri não tem jeito” dizia o outro. CSA em Biologia, CPA em Química e CPA em Física. Moral da história CPA em ciências da natureza, mas não sem antes a matemática já antecipar o seu veredicto: “Comigo é CRA, esse guri é muito burro... já tentei ensinar ele de umas dez formas diferentes e ele não aprende CRA pra ele, não tem jeito”.

A Professora de português por sua vez disse que o menino escrevia bem, fazia bons textos e era muito bom na disciplina dela, o mesmo foi dito pela professora de literatura, “[...] Pois é, que estranho, esse guri é um amor... é ótimo.”. Porém a professora de educação física não concordou muito, “pra ser bem sincera, nem sei quem é direito, acho que apareceu em uma ou duas aulas minhas e ficou só conversando... não fez nada. Ele é do Grêmio Estudantil né? Deve ser por isso que mata tanta aula.”.

A certa altura do conselho de classe iniciou-se um debate sobre questões como uniforme, regras, moralidade. A sensação era quase como em um colégio inglês do século XX, ao menos as ideias de alguns professores ali eram muito parecidas. A cena nos remeteu nessa hora a autores bem conhecidos da Sociologia, como de Michel Foucault com o seu “Vigiar e Punir”(1987) e de Émile Durkheim (2004) na questão da moral, da importância da escola impor regras e normas para que os alunos se ajustem a ela.

Não seria isso no momento atual, onde buscamos a libertação dos velhos padrões de ensino, o rompimento com a velha escola uma inversão da lógica? Não seria a escola que teria que se enquadrar ao estilo de vida e aos interesses dos alunos?

Imaginemos na hora uma grande torre construída no meio do pátio da escola, vigiando a todos e aplicando penas severas aos desviantes. Caso algum professor por ali estivesse e desse essa ideia muitos concordariam imediatamente, inclusive financiando a construção da torre.

Nos foi possível perceber por parte de diversos professores um discurso conservador e reacionário que mesclava o “Panoptismo de Foucault”(1987) com a “Educação bancária de Freire”(1996). Lógico, Vigiar, punir, delegar o fracasso escolar aos próprios alunos e a forma como os mesmos estão inseridos na sociedade é de uma comodidade muito maior do que rever nossas próprias disciplinas e aquilo que estamos ensinando.

A culpa pelo fracasso é do aluno, é da família desestruturada, é da sociedade como um todo, é do grêmio estudantil, é da nova juventude, dos tempos modernos, etc. Enfim, muitos poderiam ser os culpados, menos os próprios professores que ali estavam e, sob hipótese alguma, a metodologia presente na forma como atuam em sala de aula.

5.2 - Passando pelo buraco da fechadura

Bem, assim como Alice, nossa curiosidade só aumenta. Vamos ficando cada vez mais e mais curiosos, porém para termos uma noção exata do que acontece no país das maravilhas é necessário adentrá-lo.

A partir de agora vamos beber do líquido da garrafa, aquele mesmo escrito “beba-me” e que fez com que Alice encolhesse a ponto de passar pelo buraco da fechadura e, finalmente, conhecer o país das maravilhas. No entanto, ao invés de seguirmos o “Coelho Branco”, iremos seguir os professores de outras disciplinas da rede, observá-los, conversar com eles e saber de suas concepções a respeito do Ensino Politécnico.

Como já vimos a opinião dos nossos Valetes, agora precisamos ver como atuam as outras cartas do baralho da Rainha. Desta forma, ao invés de pedirmos ajuda a flores que falam gatos e lagartas que fumam narguilé, iremos direto ao ponto e vamos conversar com os verdadeiros moradores do país das maravilhas, os alunos. Só assim seria possível observar o que acontece de verdade, e saciar de vez a nossa curiosidade. Existiria de verdade o país das

maravilhas cantado em verso e prosa pela SEDUC, ou tudo não passa de mero discurso para “Inglês ver” (sic) como se referiu um dos Valetes?

Conversando com alunos e professores da rede estadual de ensino, é possível verificar a grande confusão gerada pela implantação do Ensino Politécnico. As turmas do segundo ano, por exemplo, se mostraram completamente perdidas no que diz respeito ao Seminário Integrado, e isto que elas tiveram o Politécnico, já no ano anterior. No entanto eram comuns os comentários como: “no ano passado era diferente”, “no primeiro ano até foi legal, mas esse ano o professor não tá nem aí”, “o professor nem sabe o que ta fazendo direito”.

Um relato que chamou-nos muito a atenção se deu pelo fato de que a professora responsável pelo SI era também a professora de Biologia e a mesma, segundo os alunos, estava fazendo uso do espaço para dar aulas de reforço da sua disciplina.

Aliás, os professores responsáveis pelo seminário integrado são, em grande parte, professores que necessitam complementar para cumprirem a carga horária e, por isso, acabam por lecionar também o SI. Ao conversarmos com os professores responsáveis por esta nova disciplina, foi interessante verificar uma clara distinção. Os oriundos de disciplinas ligadas à área das ciências humanas possuem um discurso quase que unânime de que o projeto é sim interessante se bem trabalhado (como já vimos com os nossos valetes). No entanto se queixaram que demoraram um pouco para se adaptarem, porém aplicando uma dose de “boa vontade” (palavras estas de um professor de Geografia) era possível transformar o SI em uma boa ferramenta de formação cidadã, que busque levar ao aluno uma visão diferenciada do mundo em que eles estão inseridos, e que possam fugir daquilo que parece inerente em suas vidas adultas.

Já em outras áreas o Politécnico teve até o seu nome modificado, era muito comum encontrar professores se referindo ao projeto como “Politreco” e não só a ideia do Seminário Integrado, mas também da avaliação emancipatória causava náuseas em alguns deles. As principais alegações eram que não sabiam o que estavam fazendo: “Não recebemos preparo nenhum para isso”, “Do dia pra noite cai de paraquedas aqui” disse uma professora.

O que mais chama a atenção, e talvez tenha sido essa conversa que tenha passado a nortear o rumo da investigação, foi o que disse um professor, responsável pelo Seminário Integrado nas turmas de primeiro ano. Ele realizava um trabalho interessantíssimo com os alunos, valorizando e respeitando a ligação de cada um deles com o seu bairro de origem. Disse esse professor:

Trabalhar a cidadania, preparar pra vida, mostrar um caminho que faça esses alunos fugirem da realidade que a sociedade desenha pra eles. Fugir do ciclo de reprodução das desigualdades sociais que foram histórica e socialmente construídas no nosso país, não é essa a tarefa da Sociologia enquanto disciplina em sala de aula? Então, eu não vejo problema algum no Politécnico, acho até bom [...] dou aula há muito tempo, e desde que me conheço como professor faço avaliação emancipatória e trabalho a cidadania. (PROFESSOR, conversa informal, 2013)

Essas palavras foram fundamentais para compreendermos mais algumas coisas que vamos procurar elucidar a seguir.

6 A SOCIOLOGIA É UM ESPORTE DE COMBATE⁵

6.1 O exército de cartas, um jogo de Pôquer e o real sentido do simulacro

Ao observarmos atentamente aos argumentos, notamos que não há nenhuma concordância em sentido algum entre as partes. De um lado vemos o país das maravilhas cantado em verso e prosa pela Secretaria de Educação, onde a implantação do ensino Politécnico é um sucesso estrondoso. Por outro lado, a realidade caótica vivenciada no dia a dia por alunos e professores que não receberam formação alguma para a implantação do projeto, e se dizem perdidos.

Quando o secretário José Clóvis diz que no ano de 2011 foram feitas diversas reuniões nas escolas para debater o Politécnico, esse argumento é veementemente negado pela comunidade escolar. Embora nos relatos dos Valetes, tenhamos evidenciado que alguns deles participaram de reuniões. Alguma coisa soa estranha quando o secretário afirma que o projeto é um sucesso, mas como? Se muitos estão perdidos na escola? E aqueles que estão conseguindo realizar algum tipo de trabalho dentro dos SI e nas demais pesquisas, colhem os frutos por seu próprio mérito!

Podemos definir então, esse pensamento como um discurso pseudoconcreto por parte do governo do Estado maquiando a realidade das escolas em um país das maravilhas. Trazendo a baila um mundo *nonsense*, fora da realidade, num discurso carregado de ilusão, onde a prática é completamente diferente da teoria.

Trata-se de um jogo de simulação e simulacro conforme nos traz Boudrillard (1991), onde a realidade deixou de existir e vivemos apenas uma representação desta realidade. O discurso tem mais valor do que a prática e esses discursos passam a valer como sendo a realidade vigente. Tornando esse simulacro da realidade mais forte do que a própria realidade. Tudo então passa a ser como um grande jogo de pôquer, um jogo de estratégia onde se tenta passar a impressão de que se tem uma boa mão, porém é um blefe.

Simula-se uma boa mão a fim de convencer a todos os jogadores da mesa de que o seu jogo é o melhor ou se cria um simulacro de uma mão inexistente, fazendo com que todos acreditem no discurso, é um jogo.

⁵ Segundo Pierre Bourdieu, a Sociologia é um esporte de combate, não uma ferramenta para validar as decisões da elite dominante. As pessoas precisariam da Sociologia para entender as origens das dissimetrias, das violências simbólicas, e reagir, buscando uma saída para o fatalismo econômico da ideologia hegemônica atual.

A questão do Politécnico não é muito diferente de um grande jogo de pôquer. Onde o governo usa da propaganda para divulgar um sucesso inexistente do seu projeto, aumentando o tom dos discursos para defender o plano de governo. Joga com as armas e com as cartas que tem para vender a ideia, pois é necessária a aceitação imediata por parte do eleitorado. É necessário que os frutos sejam colhidos urgentemente, sob a pena de uma não reeleição para os próximos quatro anos.

Em “Alice no país das maravilhas”, os soldados da Rainha de Copas são cartas de baralho, assim como as cartas de um baralho de pôquer e quase no final da história acontece um fato interessante.

Ao assistir ao julgamento do Valete, Alice tem um pequeno diálogo com a Rainha que ordena que se dê “primeiro a sentença depois o veredicto”. Alice diz que aquilo é uma grande bobagem e a rainha ordena que lhe “cortem a cabeça”.

Abordada pelos guardas ela diz “quem liga pra vocês? Vocês não passam de cartas de baralho”. Ou seja, ela não temia os guardas, pois conhecia a realidade, eles eram apenas cartas e não soldados de verdade.

Alice nesta hora rompe em definitivo com o país das maravilhas, aquele não era o seu mundo, aquela não era a sua realidade e ela sentia que não tinha o dever de obedecer às ordens de algo em que ela não estava inserida. Ela podia fazer o seu próprio caminho, pois aprendeu a diferenciar a realidade da fantasia.

Nesse sentido, o discurso da SEDUC, pode sim ser encarado como apenas um blefe, “são apenas cartas do baralho”, que no fundo possuem algum sentido eleitoreiro escondido. Ao lembrarmos mais uma vez Kosic (1976), vemos que a Práxis historicamente perdeu o seu sentido original, sendo separada a teoria da prática, segundo Kosic:

A práxis foi entendida como sociedade, e a filosofia materialista como doutrina da “sociedade do homem”. Em outra transformação, a “práxis” tornou-se mera categoria e começou a desempenhar a função de correlato de conhecimento e de conceito fundamental da epistemologia. Após outra metamorfose, a práxis se identificou com a técnica no sentido mais amplo da palavra, e foi entendida e praticada como manipulação, técnica do agir, arte de dispor homens e coisas, em suma, como poder e arte de manipular o material humano e as coisas. (KOSIK, 1976, p.218)

Ou seja, o discurso e a prática foram separados em algum momento, e o que se vê na realidade é a totalidade do discurso sem um aprofundamento na prática. Então se torna comum ver o discurso do secretário José Clóvis, contrariando-o quase que totalmente, o do professor que por não ter recebido as orientações necessárias e suficientes e, em função disso,

não saber por onde começar para colocar em prática tal projeto. Torna-se corriqueiro ver o aluno não saber o que está acontecendo ao seu redor e, conseqüentemente, a escola lhe parecer cada vez mais distante da sua realidade.

Há que se aproveitar o que o projeto pode ter de bom, e ignorar tudo o que pode nos parecer ‘nonsense’. A Sociologia poderia se aproveitar dessa situação, mas, de que maneira, uma disciplina que por muitas vezes é tratada com descrédito pela comunidade escolar pode se transformar na vanguarda das modificações estruturais da educação? E, o mais importante, como fazer transição do discurso proposto pela SEDUC, para a realidade? Vejamos...

6.2 A Sociologia como conciliador entre a ficção e a realidade

O que é proposto na teoria pela Reestruturação do Ensino Médio se encontra com os objetivos da Sociologia enquanto disciplina escolar, desde o seu surgimento. Ou seja, uma formação voltada à cidadania, contribuindo para a formação de um sujeito ator de uma transformação das estruturas que regem a sociedade. Vejamos o que nos dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio:

A Lei 9.394/96 estabelece como uma das finalidades centrais do Ensino Médio a construção da cidadania do educando, evidenciando, assim, a importância do ensino da Sociologia no Ensino Médio. Tendo em vista que o conhecimento sociológico tem como atribuições básicas investigar, identificar, descrever, classificar e interpretar/explicar todos os fatos relacionados à vida social, logo permite instrumentalizar o aluno para que possa decodificar a complexidade da realidade social.

Assim, pela via do conhecimento sociológico sistematizado, o educando poderá construir uma postura mais reflexiva e crítica diante da complexidade do mundo moderno. Ao compreender melhor a dinâmica da sociedade em que vive, poderá perceber-se como elemento ativo, dotado de força política e capacidade de transformar e, até mesmo, viabilizar, através do exercício pleno de sua cidadania, mudanças estruturais que apontem para um modelo de sociedade mais justo e solidário. (PCN, 1996, p. 37)

Cabe então a Sociologia se apropriar deste novo espaço criado pela implantação da Politécnica e buscar a transformação do país das maravilhas em uma realidade viável através da sua práxis. Ocupando o seu espaço e aproveitando o espaço criado nas escolas e oferecido pelos Seminários Integrados, organizando eventos, palestras, feiras. Investindo no aluno pesquisador, mostrando a ele uma realidade que outrora parecia impossível ao aluno da rede pública de ensino.

Apoiados no que nos diz a lei, o espaço da Sociologia na Reestruturação do Ensino Médio pode e deve ser maior do que os cinquenta minutos semanais destinados à disciplina e, em algumas escolas, a conquista de um segundo período semanal de Sociologia já é uma realidade.

Cabe aos professores iniciar este processo de modificação, a tarefa será árdua, mas estamos apenas começando. Apenas existe um detalhe a ser pensado, o Politécnicó é uma política de governo, implantado pela atual gestão. Neste ano ocorrerão novas eleições e no caso de troca do grupo que está no governo ou a frente da SEDUC muda-se também o secretário de educação que, por sua vez, provavelmente implantará outra política de gestão na educação, como temos observado nessa proposta e também nas outras administrações que o antecederam.

É nesta questão de política de governo que vamos nos focar na parte final deste trabalho porque as políticas relacionadas à educação, como o Politécnicó, são políticas de governo e não de Estado, não seria mais interessante se, ao invés de cada partido pensar/propor uma maneira diferente, todos pensassem no mesmo sentido? Vejamos...

6.3 Políticas de governo, “geleia amanhã” e Deleuze

Para trazermos a baila esta questão de política de governo ou política de Estado, também é possível compararmos a uma questão trazida por Carroll (1865) nas aventuras de Alice.

Em uma parte da história a Rainha fala para a menina sobre a geleia servida no reino ser muito boa. Alice responde que não quer geleia e a Rainha responde prontamente que ela não receberia nem que a mesma quisesse, pois a regra vigente é “geleia amanhã e geleia ontem, nunca geleia hoje”. A garota tenta argumentar, pois em algum momento o dia de comer geleia chegaria e aquilo não fazia sentido algum. Porém, a Rainha decreta que a geleia só seja servida em dias alternados e aquele não era o dia. Esta era a norma do reino e Alice a conhecia muito bem, portanto, deveria respeitá-la.

Mas afinal, onde queremos chegar com isso? Podemos pensar a política de governo quase como uma “geleia amanhã?” De que maneira? Vejamos.

Ao tomarmos ao pé da letra as orientações de um plano de governo veremos que ele promete a solução a médio/longo prazo sem que esse dia realmente chegue, a não ser no discurso, como veremos a seguir. No entanto, ao apresentar os resultados em suas propagandas, bingo, está tudo ali. Todos os problemas resolvidos e todas as pessoas envolvidas estão satisfeitas.

As escolas estão perfeitas, os alunos estão preparados e os professores estão felizes. Porém, a comunidade escolar nunca vê esses resultados. Jamais chegamos realmente a uma situação, onde todos os problemas existentes no nosso sistema educacional ou qualquer campo para o qual foi desenvolvida a política sejam resolvidos na sua plenitude, apenas temos a promessa da solução e os ditos resultados do projeto, mas nunca os resultados de fato.

Voltamo-nos então à concepção de temporalidade de Gilles Deleuze (1925-1995) em sua obra “A lógica dos sentidos” (1990). Nela Deleuze (1990) afirma existir duas diferentes leituras sobre o tempo: *chronos e aion*, onde no primeiro, passado, presente e futuro não são três dimensões de tempo, apenas o presente preenche o tempo. Cabe ao passado e ao futuro dimensões relativas ao presente no tempo, ou seja, o passado e o futuro são excessos dentro do presente vivido. Já no segundo caso no *aion*, não há presente como tal. É o tempo do evento, do acontecido, da experiência que vai contar como existente, assim, apenas o passado e o futuro existem.

Se observarmos a “Rainha de Copas”, para ela, nunca teremos nossa geleia. Para Deleuze, no *aion* nunca haverá o hoje, pois simplesmente ele nunca chegará. Teremos sempre o ontem e o amanhã juntos, e o que chamamos de presente nada mais é do que ruptura do tempo em si. Sem ir a fundo às questões Deleuzianas para não confundirmos demais o assunto (e também para não enlouquecermos por completo, o que não é o objetivo deste trabalho).

Podemos notar a semelhança do pensamento da Rainha à questão da temporalidade para Deleuze. Nós não temos acesso a um presente, assim como não temos direito a “geleia hoje”, o futuro está sempre vindo a ser, igual à “geleia de amanhã”. O hoje já deixou de existir e sempre está por vir, mas nunca agora.

Em suma, toda essa volta, foi necessária para mostrar que o plano de governo ou a política de governo, é orquestrada para uma ocasião especial dentro de uma questão de temporalidade. Onde determinadas políticas, seguidas por um governo específico, num dado momento da trajetória de um país, estado ou município, podem corresponder à expressão da chamada “vontade popular”. Faz-se essa referência considerando que contenha certo número de elementos objetivos que podem entrar na categoria dos sistêmicos ou estruturais, respondendo, portanto, ao que normalmente se designa como política de Estado.

Alternativamente, porém, ela pode expressar tão somente a vontade passageira de um governo ocasional, numa conjuntura precisa, geralmente limitada no tempo, da vida política desse mesmo país, estado ou município, o que a coloca na classe das orientações passageiras ou circunstanciais, uma política de governo.

No nosso caso em específico, a “Reestruturação do Ensino Médio Gaúcho”. Plano de governo organizado para modificar os paradigmas historicamente construídos de desigualdades sociais, hegemonia cultural de uma classe sobre a outra, e efetivamente modificar o quadro de repetência e evasão escolar no Estado do Rio Grande do Sul. A proposta nos soa como “geleia amanhã” ou como uma representação de um passado caótico e de um futuro perfeito dentro de uma realidade momentânea que não existe, ou melhor, existe na propaganda, no discurso, na promessa.

Afinal, dentro das escolas não vemos, segundo os relatos de professores e alunos nem a “geleia de ontem”, muito menos a de amanhã. Ainda vamos ter que nos levantar muitas e muitas vezes contra a “Rainha de Copas” e contra o seu “Exército de Cartas” para encontrarmos a nossa realidade e podermos ter a nossa geleia de hoje.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partimos agora às últimas reflexões acerca da Reestruturação do Ensino médio: Ensino Politécnico, a Sociologia entre o país das maravilhas e a realidade caótica. Ou seja, o título deste trabalho. Acreditamos que, tanto a questão do Ensino Politécnico quanto a questão do “País das Maravilhas” já foram amplamente explorados durante o transcorrer das páginas que antecederam a estas, faltando ainda uma melhor compreensão, no que diz respeito ao último termo constante no título, a “realidade caótica”. Compreendemos como “caótica” a partir da etimologia da própria palavra grega que nos remete à falta de ordem, desorganização, bagunça e desordem. Portanto, a “realidade caótica” aqui representada não é algo imutável e nem algo a ser temido, é apenas o resultado de anos de descaso com a educação em nosso país.

De uma coisa, acreditamos que não restam dúvidas. É necessária uma profunda reformulação nas estruturas que regem a educação brasileira, desde a organização curricular até a infraestrutura das escolas. Passando lógico por melhores condições de trabalho e melhores salários aos professores. Vimos isso nas conversas com os Valetes e na observação dentro das escolas.

O Ensino Politécnico é mais uma das várias tentativas de modificar estas estruturas e, a meu ver, o projeto não parece ruim. Muito pelo contrário, buscar uma formação cidadã, que leve aos alunos uma formação para a vida é também um objetivo que persigo enquanto educador.

É importante admitirmos que, no início, existia uma resistência muito grande e uma dificuldade imensa em aceitar o projeto. Talvez, como disse um dos nossos Valetes, pela forma “burlesca” como ele foi implantado. De forma considerada autoritária por vários professores e muito repentina, sem uma ampla discussão prévia e, muito menos, um preparo profissional.

No entanto ao conversarmos com os professores de Sociologia e ver as possibilidades que se abrem através do projeto, nos foi possível perceber que a tentativa é válida. No entanto, o grande problema está na forma como esses projetos são lançados, em forma de Políticas de Governo e não como Políticas de Estado.

A nossa democracia representativa, da forma como é organizada hoje, não oferece esperança de grandes modificações nas estruturas, pois a Política de Governo tem prazo de validade, o tempo em que aquele partido permanecer no poder.

No caso do Politécnico, por exemplo, a gestão 2011/2014 estabeleceu como prioridade da política educacional a democratização da gestão, o acesso à escola, ao conhecimento, à

cidadania, a aprendizagem, ao patrimônio cultural e a permanência do aluno na escola, além da qualificação do Ensino Médio e Educação Profissional. Isso aconteceu considerando que não se pode fugir da importância de uma formação que responda pelas necessidades humanas e pelo domínio dos princípios do conhecimento científico e tecnológico. Porém, não há garantias de que o Ensino Politécnico tenha continuidade em caso de uma não reeleição do atual governo.

Torna-se, diante do exposto, impossível organizar um projeto a longo prazo, onde os professores e os alunos estejam realmente preparados, pois não há tempo para isso. Os frutos devem ser colhidos logo, antes mesmo de amadurecerem e por isso o seu gosto pode ser um pouco ácido, às vezes. Essa é a razão de uma implantação dita autoritária e burlesca, a falta de tempo e a falta de convicção de uma continuidade do projeto.

Assim, impera o “País das Maravilhas” ou o mundo do simulacro e da pseudoconcreticidade e a realidade nas escolas vai ficando cada vez mais caótica. Não é de se duvidar que num futuro não muito distante encontremos pelas escolas apenas o sorriso do gato de “Cheshire”, pois os alunos estarão em casa seguindo a nova proposta da “Rainha de Copas”.

Pois para o novo projeto, a resposta para a educação⁶ poderia vir a ser uma escola sem alunos, se isso rendesse audiência ou votos. Assim é praticamente impossível saber ao certo quais serão as novas ideias, ainda mais quando grupos de comunicação com ambições, digamos, no mínimo duvidosas, tentam assumir a vanguarda de uma luta por melhorias no campo da educação. Este grande grupo de comunicação lembra até certo ponto os irmãos “Tweedledee e Tweedledum”, cujas conversas confusas fazem pouco sentido, e acabam por confundir ainda mais a cabeça da pobre Alice, na sua busca por respostas reais no país das maravilhas.

Não existe apenas uma “Rainha de Copas”, são muitas, de diferentes partidos e ideologias, e algumas conseguem ser mais malvadas que as outras, a ponto de colocar alunos em escolas de lata⁷. E olha que isto não aconteceu no país das maravilhas, mas aqui no Rio Grande do Sul mesmo, e não faz muito tempo.

Para finalizar, me volto à questão de que a Sociologia, enquanto componente curricular escolar, deve aproveitar a ocasião, e a bela oportunidade que o Ensino Politécnico está abrindo, de uma escola mais democrática e mais voltada à cidadania.

⁶ Alusão à campanha “A educação precisa de respostas” do Grupo RBS de comunicação.

⁷ As escolas de lata foram parte de um projeto da então governadora do Estado do RS, Yeda Cruscius. Nele, containers foram utilizados como salas de aula com condições mínimas de aprendizado e higiene.

Ora, ela não existe exatamente para isso? Como vimos em nossas conversas, o objetivo do Politécnico não é formar pra vida? Então quem melhor que o professor de Sociologia pra conduzir este caminho? O Politécnico não busca transformar o aluno em um aluno pesquisador? Quem melhor para conduzir esse processo do que o próprio professor de Sociologia que é um especialista em pesquisa?

Vimos isto na prática, a forma como a Sociologia está norteando os trabalhos dentro do Politécnico, e as oportunidades oferecidas através da autonomia da escola e do professor. Lógico que a burocracia é uma próxima etapa a ser vencida, mas queremos ou não uma mudança na estrutura escolar? Se sim, então que parta da Sociologia essa revolução, pois temos uma proposta que dialoga com nossas concepções norteando as práticas no Ensino Médio atualmente.

Convém destacarmos que sempre haverão discursos contra e discursos a favor e, assim, dificilmente chegaremos a algum lugar. Muitas vezes, tais discursos vêm carregados de uma posição ideológica ou político partidária que não colabora em nada para o avanço do processo ficando apenas num ranço ineficaz que tira a potência da mudança. Eis uma imensa oportunidade, ou a Sociologia enquanto componente curricular assume essa mudança estrutural, ou então viveremos eternamente como o “Coelho Branco”, sempre correndo e chegando atrasados para o chá da tarde.

8 REFERÊNCIAS

AZEVEDO, José Clóvis de. REIS, Jonas Tarcísio. **Reestruturação do ensino médio: Pressupostos teóricos e desafios da prática**. 1.ed - São Paulo: Fundação Santillana, 2013.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e simulação**. São Paulo: Relógio d'água, 1991.

BRASIL, Portal do Ministério da Educação <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/cienciah.pdf>> Acesso dia 10/11/2013

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm> Acesso em 10.10.2013.

CARROLL, Lewis. **Alice no país das Maravilhas**. 1865 Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/alicep.html>> Acesso em 22.09.2013.

DA MATTA, Roberto. **O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). *A aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DURKHEIM, Emile. **As regras do método sociológico: texto integral**. São Paulo: Martin Claret, 2004

FERNANDES, Florestan. **O ensino da Sociologia na escola secundária brasileira**. In: *A Sociologia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1977.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 12. Ed. Rio Janeiro: Paz e terra, 1983.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
G1 Disponível em: <http://m.g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2013/08/adesao-de-professores-greve-no-rs-e-insignificante-diz-secretario.html> – Acesso em 20/10/2013.

HAGUETTE, Tereza Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**, Petrópolis, Vozes, 1987.

IRWIN, William. DAVIS, Richard Brian. **Alice no País das Maravilhas e a filosofia: cada vez mais e mais curioso**. Tradução Camila Zanon. São Paulo: Madras, 2010

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1976.

MAANEN, John, Van. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface**, In *administrative science quarterly*, vol. 24, no. 4 December 1979. Pp 520-526.

MANZINI, E. J. **A entrevista na pesquisa social**. Didática, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do partido comunista**: seguido de GOTHA. Porto Alegre, RS: LPM, 2004.

MÉSZÁROS, Istvan. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

OLABUENAGA, J.I. R.; ISPIZUA, M.A. **La descodificacion de la vida cotidiana: metodos de investigacion cualitativa**. Bilbao, Universidad de deusto, 1989.

Revista Educação, Disponível em: <http://revistaeducacao.uol.com.br/textos/107/salarios-dos-professores-279028-1.asp> Último acesso: 17/06/2014.

SEDUC-RS. Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul. Departamento pedagógico (DP). **Regimento Referência das escolas de Ensino Médio Politécnico da Rede Estadual**. Porto Alegre: Seduc-RS, 2012.

VELHO, Gilberto. **Observando o Familiar**. In: Edson de Oliveira Nunes (Org.). *A aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Tradução de Maria Lucia de Oliveira. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.

_____. **Treinando a observação Participante**. In: *Desvendando máscaras sociais*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.